

**Edição especial**

# **O Caminho Aragonês**

**um diário de bordo**

**Auro Lúcio Silva**

**edição virtual**  
**distribuição gratuita**  
*[www.ocaminhodaspedras.com](http://www.ocaminhodaspedras.com)*

**É vedada qualquer forma de comercialização desta obra.**



## O LIVRO

**O caminho aragonês** é um livro escrito a partir das anotações e das filmagens realizadas pelo autor em maio de 2001, durante sua passagem por esse trecho do Caminho de Santiago. Foi editado de modo simples, sem capa ou ilustrações, para facilitar o acesso via Internet.

Este livro foi composto e editado em formato virtual (*.pdf*) e deve ser lido com o programa Acrobat Reader, obtido gratuitamente em [www.adobe.com](http://www.adobe.com).

Qualquer reprodução da obra, total ou em parte, não é autorizada, assim como é vedada qualquer comercialização da mesma.

## ONDE OBTER O LIVRO

Os exemplares virtuais do livro ***O caminho aragonês*** podem ser obtidos no site [www.ocaminhodaspedras.com](http://www.ocaminhodaspedras.com), assim como as fotos e ilustrações relativas ao texto. Lá estarão também os *links* para outros sites autorizados a fazer a distribuição do mesmo livro.

No mesmo site estão disponíveis todas as informações relativas ao livro ***O Caminho das pedras*** - 2a. edição, bem como capítulos grátis para leitura.

## DEDICATÓRIA

***O caminho aragonês*** é dedicado aos homens e mulheres que se dispõem - no Caminho de Santiago ou do dia-a-dia da vida - a sair da própria carapaça de ego e a buscar a comunhão com outros seres humanos e com toda a natureza.

[auroluciosilva@uol.com.br](mailto:auroluciosilva@uol.com.br)

[www.ocaminhodaspedras.com](http://www.ocaminhodaspedras.com)





## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	pág. 7
I - OS CÁTAROS E MONTSÈGUR.....	pág. 9
II - SOMPORT A CANFRANC .....	pág. 11
III - CANFRANC A JACA .....	pág. 15
IV - JACA A PUENTE LA REINA .....	pág. 18
V - PUENTE LA REINA A RUESTA .....	pág. 21
VI - RUESTA A SANGÜESA .....	pág. 28
VII - SANGÜESA A MONREAL .....	pág. 33
VIII - MONREAL A TIEBAS.....	pág. 36
IX - TIEBAS A PUENTE LA REINA.....	pág. 39
EPÍLOGO .....	pág. 43





## INTRODUÇÃO

O melhor lugar do mundo é aqui e agora.  
*Gilberto Gil, Aqui e agora.*

Não existe, sob o aspecto geográfico, *um* Caminho de Santiago. Há *caminhos* para Santiago de Compostela, originários de vários pontos da Europa, e que convergem para o extremo oeste da península Ibérica. A origem dessas trilhas se perde, usando o magno clichê, na noite dos tempos. É muito provável que já existisse um trajeto semelhante, sobrepondo-se ao atual, muito antes da Idade Média. Culturas anteriores à romanização da Península Ibérica – principalmente aqueles povos de origem céltica – teriam feito da atual Galícia um local de ritos e práticas sagradas, iniciando aquilo que a língua latina denominou *peregrinação*.

Para compreendermos a formação do atual Caminho de Santiago é necessário que apontemos nossa máquina do tempo para o fim do Império Romano, quando os povos árabes invadiram e ocuparam quase toda a península. Trazendo a riqueza de sua cultura e mesclando-a aos costumes locais, os árabes ajudaram a formar, no extremo oeste da Europa, uma civilização que era claramente diferente daquela que se formava a leste dos montes Pireneus.

Na Idade Média, a partir do século IX, os muçulmanos que ocupavam a Península Ibérica começaram a perder o domínio sobre as terras do norte; com o sucesso da reconquista dos terrenos da atual Espanha, os reinos de Castela, León, Navarra e Aragão, aplicaram-se em garantir a viagem e a segurança dos peregrinos a Santiago de Compostela. Atraídos pela notícia da descoberta – devidamente confirmada pela Igreja Católica – dos restos mortais do apóstolo Tiago, na região da Galícia, os peregrinos foram abrindo uma trilha em direção ao oeste. Aproveitando antigas sendas célticas e calçadas romanas, os devotos aumentaram em número, a partir do século XI. A Igreja ofereceu indulgências e outros benefícios aos que chegassem a Santiago e visitassem o túmulo do apóstolo; em parte por devoção à Igreja Católica, mas também para garantir a ocupação das terras recém-resgatadas das mãos muçulmanas, reis e senhores feudais incentivaram a construção de estradas, pontes e hospitais para os caminhantes. As diversas vias que chegavam aos Pireneus, oriundas de todos os cantos da Europa, confluíam rapidamente para a região onde fica a cidade de Puente La Reina, no reino de Navarra. De lá, os peregrinos – a pé ou a cavalo – seguiam praticamente a mesma trilha, cujo desenho obedecia à lógica mais evidente: segurança e menor esforço. Esse trajeto – considerando-se o início na Colegiata de Roncesvalles ou na pequena vila francesa de Saint Jean Pied-de-Port – ficou

conhecido como *Caminho Francês*. É o trecho mais famoso do Caminho de Santiago, identificado hoje, pela maior parte das pessoas, com o próprio Caminho. Nele encontramos monumentos, pontes, edificações emblemáticas que carregam a história, ainda por se completar, dos milhares de peregrinos que saíram de suas cidades, e sob condições inimagináveis nos dias de hoje, arrastaram-se por meses em direção aos campos e montanhas da Galícia.

Outra “porta de entrada” para essa trilha é o chamado *Caminho Aragonês*, que entra na Espanha algumas centenas de quilômetros ao sul de Roncesvalles, e que se dirige a Puente La Reina seguindo o curso do rio Aragón. Inicia-se na fronteira entre França e Espanha, no porto aduaneiro de Somport, segue pelo vale que margeia o rio e termina em Puente La Reina. De lá, até Santiago, “todos os caminhos tornam-se um só”, como diz a tradição. Rigorosamente, não é bem assim, pois há muitas outras vias para se chegar a Compostela: Caminho do Norte (pela costa norte), via del Plata (pelo centro da Espanha), Caminho Português... e muitos outros.

Este pequeno relato descreve minha viagem pelo Caminho Aragonês, no mês de maio de 2001, em minha terceira peregrinação a Santiago. Não pretende ser um guia, mas tentarei, com meu diário, mostrar a realidade de um trajeto não tão conhecido e divulgado como o Caminho Francês e que, talvez por isso mesmo, ainda guarde muito do encanto que esperamos encontrar em uma viagem como esta, que realizamos em direção à Galícia e – ao mesmo tempo – ao interior de nós mesmos.





## CAPÍTULO I OS CÁTAROS E MONTSÈGUR

Existe heresia se houver oposição a um ou vários artigos da fé, a esta ou aquela passagem dos livros canônicos.

*Eymerich, Manual dos Inquisidores.*

Chegar a Somport não é tão simples como iniciar a caminhada por Roncesvalles ou Saint Jean. Vindo do Brasil, pode-se ir a Pamplona e de lá tomar um táxi até Somport. É caro (uns 120 dólares), mas você pode contratar o Pedro Telechea e ganhar algumas horas de bom papo. Pode-se tomar uma seqüência de ônibus e trens que o levem a Jaca – já ao lado do início. Desde que você queira, tudo é possível. É uma questão de opção, vontade e orçamento.

Decidi que, uma vez que faria o Caminho Aragonês, tentaria iniciar a caminhada ainda em território francês. Alguma coisa sempre me atraiu naquela região do sudoeste da França, chamada Languedoc. Temos – nós, brasileiros – algumas raízes por lá. Nossa língua portuguesa é descendente distante do *occitán*, dialeto medieval da região de Toulouse e arredores, banido pela centralização do poder real e atualmente recuperado pelas escolas e pela cultura regional.

– Vou iniciar a caminhada em Toulouse! – decidi, firme e resolutamente.

Ainda no Brasil procurei recolher todas as informações possíveis. Cartas, e-mails, telefonemas, e acumulei alguns dados que carreguei, zelosamente, em meu vôo São Paulo–Madri–Barcelona.

De Barcelona, após alguns rodopios pelos guichês da estação Chamartin, descobri o trem que me levaria a Toulouse, na França. O processo envolve algumas baldeações, troca de trens e, na última etapa, a travessia dos Pireneus em ônibus. Uma viagem gostosa, muitas horas atravessando campos e aldeias bucólicas, até que o último dos trens deixou-me na Gare de Toulouse.

Passé dois dias telefonando, buscando locais e pessoas que me informassem sobre o caminho a seguir até Somport. Teoricamente seriam uns dez ou mais dias de caminhada, mas eu não conhecia alguns detalhes mínimos que os aventureiros *light* – como este que vos escreve – precisam conhecer antes de se lançar a campo. Não gostei do que descobri: faltavam informações sobre albergues ou alojamentos ao preço desejado, nas cidades por onde passaria; o trajeto a seguir não era problema, mas os preços dos hotéis e da alimentação na França estavam muito acima do que eu poderia pagar. Foi necessário rever o planejamento e, como *sempre* acontece com os projetos minuciosamente elaborados, os fatos mostraram que a flexibilidade é uma virtude a ser cultivada.

Descobri os horários do trem que me deixaria em Somport (com as devidas conexões por outros trens e ônibus) e decidi realizar um sonho que acalentava há mais de dez anos: visitar o castelo de Montségur, localizado a uns duzentos quilômetros de Toulouse. Por três vezes tentei visitar essas ruínas, conhecidas como o último reduto da resistência dos cátaros (ou albigenses), e em todas as três aconteceram fenômenos “inexplicáveis” que impediram que a visita acontecesse.

Os cátaros eram praticantes de uma forma de cristianismo que se desenvolveu principalmente no sudoeste da França, entre os séculos X e XII, e cujo procedimento e dogmas não coincidiam com os da Igreja Católica. Por motivos historicamente já bem definidos, o poder eclesiástico – através do Papa Clemente II – uniu-se ao rei da França, Felipe, o Belo, e foi deflagrada uma cruzada contra essa “heresia” religiosa. Como acontecia – e acontece até hoje – a facção religiosa dominante arvorou-se em definir o que era ou não correto em termos de crenças e procedimentos religiosos. O interesse econômico e político dos nobres franceses pelas ricas terras do Languedoc, somado ao desejo papal de impor a supremacia religiosa católica a toda a França, desencadearam uma série de invasões, ataques e sítios a cidades e fortalezas da região de Toulouse, Albi, Béziers, Carcassone e outras.

Depois de meses de batalhas sangrentas, traições, torturas e centenas de cátaros queimados em fogueiras públicas, restou apenas um grupo de uns duzentos seguidores do catarismo acuada no castelo de Montségur. Esse castelo fica no alto de um rochedo, e foi construído de modo a impedir sua invasão. Ao final, graças a algumas falhas na segurança, os albigenses foram dominados (pois, inimigos da violência, eles não reagiam militarmente aos ataques) e, após recusarem a adoção do catolicismo, foram todos sacrificados na fogueira (16 de março de 1244).

Após algumas horas de ônibus e táxis cheguei ao castelo. Lá estavam as ruínas, como há séculos, como que equilibradas no topo da alta montanha de pedra. Subi apressadamente as escarpas (há degraus singelos e toscos) e cheguei à porta principal. Passei algum tempo olhando e sentindo o lugar, chegando próximo aos precipícios que rodeiam as muralhas. Fiquei ouvindo um guia que, em francês, falava sobre as intenções nada espirituais que moveram os “cruzados” contra os albigenses. Ficaria ainda mais se, premido pelo horário de retorno do ônibus, não fosse obrigado a descer – mais rápido do que seria normal – as ribanceiras e tomar o táxi para a cidadezinha de onde viera. Lá tomei o ônibus e voltei para Toulouse.

No dia seguinte, conforme o replanejamento, tomei o trem para Somport. Uma viagem deliciosa, céu nublado, porém com muito brilho, atravessando mais uma vez paisagens de sonho. Meditação e muita divagação sobre a visita a Montségur e sobre a caminhada que eu iniciaria no dia seguinte. O final da viagem foi feito em um microônibus, que subiu as sinuosas estradas dos Pireneus quase vazio: três ou quatro pessoas, além do motorista e de seu amigo, que falavam sem parar durante todo o trajeto. Por ter vivido algum tempo em Toulouse, conseguia entender a divertida conversa entre os dois, mantida no francês caipira e sonoro da região. O conjunto formado pela paisagem bucólica, o som da conversação e o relaxamento em que me encontrava fez com que o tempo passasse depressa.

Por volta das quatro da tarde enxerguei as edificações do Porto de Somport, com o portal que marca a divisa entre França e Espanha.

– *Col du Somport!* – gritou para mim o motorista.

Desci com minhas tralhas (mochila e cajado), deixando no ônibus apenas um casal de jovens mochilados, supostos peregrinos, que seguiu na condução até a cidade de Jaca.



## CAPÍTULO II SOMPORT A CANFRANC

Ao andar, ande. Ao comer, coma. Não permita que a mente fique vagando pelo mundo.  
*OSHO, Aprendendo a silenciar a mente.*

Assim que o ônibus desapareceu estrada abaixo, dei-me conta da situação: lá estava eu em Somport, sozinho. Nem uma pessoa, nem uma movimentação. Rodeado de montanhas nevadas, corri a vista pelas redondezas. Passado o portal da fronteira, havia os edifícios de aduana à minha esquerda. Fechados e vazios. Também fechado e vazio estava o sobrado do Albergue Aysa, a solitária pousada que é o único prédio habitado do local. Eu tinha telefonado para cá, de Toulouse, e soube, através da dona da pousada, que as portas seriam abertas apenas às 20 horas. Os proprietários estavam em algum lugar, na Espanha, e eu estava disposto a esperar – descansando e curtindo a solidão do lugar.

Deixei a mochila no banco da pousada e subi a uma pequena capelinha, no morro em frente. Lá estavam os símbolos da peregrinação jacobéa, a cruz-espada dos templários. Olhei tudo com calma e serenidade. A serenidade deu lugar à preocupação, quando percebi que o céu, por trás dos picos cobertos de neve, estava adquirindo um tom cinza-escuro ameaçador... Um vento gelado e forte zumbia em meus ouvidos, anunciando algum evento complicador para os planos que tinha preparado: dormir hoje em Somport, após um bom jantar no albergue, e iniciar a caminhada na manhã seguinte.

Em menos de hora começou a chover. Não um chuvisco fino, mas gotas grossas e tangidas por uma ventania que soprava quase na horizontal. Tentei abrigar-me nos cantos da pousada, mas o vento fazia com que a chuva me molhasse, não importando minhas tentativas de buscar guarida.

– Não há outro jeito: pé na estrada! – E, depois de colocar a capa plástica que protege meu corpo e a mochila, segui quase correndo pelo asfalto que desce em direção a Canfranc.

A estrada é *muito* íngreme. Tive que parar para apertar a bota, que ficou encharcada em alguns minutos. Como o número é maior do que o que calço habitualmente, os pés insistiam em deslizar para o espaço anterior do calçado, pressionando perigosamente as unhas contra a biqueira da bota.

A experiência de outras caminhadas confirmou o que eu já tinha ouvido de muitos caminhantes experientes: as botas devem ser de boa qualidade, couro forte, palmilhas consistentes e – principalmente – largas nos pés. Agora, por causa da chuva, os pés estão dançando no interior do calçado. E o pior: essa bota que trouxe não tem aquele pegador extra,

desalinhado dos demais, por onde eu passaria o cadarço para travar o tornozelo e evitar que o pé deslize para a frente. Outro *probleminha*: a bota estava praticamente virgem! Desprezando minha própria experiência – usar sempre uma bota já amaciada – ousei comprar a atual quinze dias antes de embarcar para a Europa... Senti que estava pisando de modo irregular e endurecendo as costas, enquanto percorria os oito quilômetros até Canfranc.

Felizmente, a chuva parou após uma hora, de modo que cheguei à simpática estação de esqui já completamente seco. Apenas as botas, úmidas e pesadas, exigiam maiores cuidados.

Canfranc é uma pequena cidade, bem munida de serviços. É uma estação de inverno, onde franceses e espanhóis passam as temporadas de neve. Por isso, os preços dos produtos e serviços são maiores do que os que encontramos na Espanha. Há muitos hotéis e pousadas, cujas diárias me desanimaram.

Encontrei a Pousada *Peppito Grilo*, à esquerda da rua principal. O cartaz na recepção falava em diária de mil pesetas, mas o proprietário disse que aqueles quartos coletivos, mais baratos, estavam todos tomados pelos operários de uma obra em frente. Peguei um quarto isolado do prédio principal, em uma casa de madeira ao lado. Era um quarto para quatro pessoas (dois beliches), onde fiquei sozinho todo o tempo. Custou-me duas mil pesetas, algo assustador para um início de caminhada, mas achei de bom tamanho. Uma das diferenças – já anunciadas pelos que fizeram o trajeto aragonês – é a escassez de “refúgios peregrinos” como os que encontramos no Caminho Francês. Nas quatro ou cinco paradas feitas, normalmente, entre Somport e Puente La Reina, poucos são os albergues disponíveis. Parece que, nos últimos anos, essa deficiência vem sendo sanada, mas, por enquanto, algum gasto extra deve ser esperado pelos candidatos a seguir as margens do rio Aragón.

No quarto ao lado – que, na verdade, é parte de um conjunto de pequenos chalés de madeira – chegou um peregrino alemão, e só. Pude desfrutar de um bom banho quente, cama com lençóis limpinhos e – felizmente – aquecedores onde sequei as meias recém-lavadas e minhas botas.

Tendo pela frente ainda algum tempo, dei um passeio pela cidade. A modernidade dos prédios e o grande número de hotéis refinados oferece um contraste extremo em relação à maior parte das cidades do Caminho Francês. Quando me lembro das primeiras aglomerações urbanas que encontrei após Saint Jean Pied-de-Port (Roncesvalles, Burguete, Zubiri), todas marcadas por prédios e monumentos seculares, assusto-me com essa cidade moderna e bem servida de opções de comércio. O que me tranqüiliza são as informações do guia, onde leio que Canfranc Estación é uma cidade atípica, em relação as que encontrarei pela frente. O fluxo dos turistas de inverno - e suas carteiras recheadas - cria uma “ilha” de primeiro mundo em meio à simplicidade do interior espanhol.

Aproveitei o comércio aberto e comprei o que seria o meu lanche noturno: pão, *croissant*, queijo e vinho. Achando que o início de uma peregrinação merecia ainda algo mais consistente, incorporei ao jantar uma lata de *calamares en su propia tinta*. É comum encontrar, nos albergues do Caminho Francês, cozinhas montadas para uso dos peregrinos. Lá podemos preparar lanches e jantares quentes, o que ajuda a economizar nos gastos e fornece uma alternativa mais caseira aos pratos oferecidos nos restaurantes. Como não tenho cozinha disponível no *Peppito Grillo*, terei que me contentar com o jantar frio. Para o café da manhã levei suco e algumas madalenas.

Graças à variedade de lojas, encontrei um acessório fundamental para o início da caminhada: uma nova pochete. Ontem, na viagem ao castelo de Montségur, minha velha companheira de duas peregrinações “abriu o bico” de modo irrecuperável. O fecho plástico partiu-se em dois, e tive que me desapegar dela. Na pochete vão os objetos de uso mais

## O caminho aragonês

imediatamente, durante a caminhada, e seria incômodo ter que buscar na mochila as coisas que normalmente carrego à mão. Em uma cerimônia simples e solitária, agradei a “companhia” da antiga pochete durante as duas caminhadas anteriores.

À noite, calmamente alojado, preparei a jornada do dia seguinte. Levei o guia *El País/Aguiar*, devidamente fotocopiado e reduzido para diminuir o peso. Como não passaria pelo Caminho Francês no trecho Saint Jean a Puente La Reina, montei apenas as folhas das etapas que planejava fazer. Foi uma boa idéia, que apresento como sugestão: fotocopiar o guia, reduzindo o tamanho e usando os dois lados da folha. Se quiser, o caminhante pode ir jogando fora as folhas usadas. Nos lugares certos, por favor.

Como o dia só deverá clarear por volta das sete, eu ainda teria tempo de sobra para arrumar a mochila no dia seguinte e tomar o café com tranqüilidade. Uma das coisas que aprendi, nessas jornadas, foi que iniciar o dia engolindo rapidamente o lanche matinal e sair desembestado para a estrada é um mau começo.

Amanhã, para cutucar a onça, usarei a impávida e gloriosa meia preta com o símbolo do Timão. O Curintcha está disputando as finais do Paulistão com o Botafogo de Ribeirão Preto, e quero ver se consigo mandar algumas vibrações compostelanas para lá. Afinal, assim como Santiago Matamoros, São Jorge Guerreiro também se apresenta aos nossos olhos montado em um cavalo branco... Imagino o jogo, lá em Ribeirão Preto: nosso eterno campeão, o Doutor Sócrates, deve estar balançando entre a equipe onde começou a jogar e o timão que o consagrou. Pode ser que o balanço seja efeito de uma dúzia dos magníficos chopes do restaurante *Pingüim*, mas vale a imagem.

O jantar, como se podia imaginar pelos preparativos, foi finíssimo: *croissant*, latinhas de *calamares en su propia tinta* e uma garrafa de um bom vinho Rioja. Na metade do vinho – eu já tinha me esquecido como é saboroso o vinho espanhol tomado aqui, sem que ele tenha passado meses no contêiner de algum navio a caminho do Brasil – eu já estava viajando no dia seguinte, flanando pelos campos... quando começou a cair uma tormenta tropical, com raios e trovões! Foi tão tropical que acabou em uma hora.

A bota já estava quase seca. Deixei-a mais um pouco sobre o aquecedor elétrico e dei mais um passeio pelos arredores. São dez da “noite” e ainda há alguma claridade no céu. Os picos nevados, visíveis da varanda onde me encontro, brilham com uma luminosidade azulada e fantástica. Andando pelos arredores, vejo as imagens das pessoas pelas muitas janelas abertas. O tom amarelado das lâmpadas cria miniaturas de quadros de Monet. Quadros com movimento, como se fosse um filme mudo, em tonalidade sépia.

Silêncio e paz. Tudo está bem. Até o hospitaleiro – o próprio Peppito, o Grilo Falante – está mais simpático do que estava quando cheguei à pousada. Ao menos, é o que posso deduzir pelos grunhidos que emitiu quando troquei algumas palavras com ele.

Até pegar no sono, fiquei rememorando minha visita ao castelo de Montségur. Os detalhes da encosta e da arquitetura - simples e sólida - ficaram passando em minha mente como um videotape desconexo e sem lógica. Esperei mais de dez anos para fazer a vista àquela montanha e, não fosse minha insistência, teria passado ainda esta vez sem entrar pelas portas do castelo. Foi bom ter ido.

Antes de dormir, olhando as intruções coladas na porta do chalé, dei-me conta da “coincidência” existente entre o nome da pousada e o significado que atribuí ao personagem homônimo, em alguns trechos de *O Caminho das pedras*. Pousada Peppito Grilo, cujo símbolo é o Grilo Falante – a tagarela consciência do despirocado e descabeçado boneco Pinóquio. Os palpites/ordens do Grilo costumam ser de dois tipos: aqueles adequados, de prudência e cautela às vezes necessárias, e aqueles outros cheios de preconceitos e julgamentos.

Auro Lúcio Silva

Caberá a mim distinguir uns dos outros. Veremos quais sugestões o pequeno inseto vai trazer aos meus sonhos. Antes, porém, vamos terminar esse restinho de Rioja e passar o tequinho de *croissant* no molho da lula já devorada. *Buenas noches*.



## CAPÍTULO III CANFRANC A JACA

Penso que seguir a vida seja simplesmente  
conhecer a marcha e ir tocando em frente.  
*Teixeira e Sáter, Tocando em frente.*

O termômetro preso na mochila marca quatro graus. O frio faz doer os dedos, apesar de eu estar usando uma luva de couro forrada com lã. É preciso trocar o cajado de mão de vez em quando e movimentar os dedos para ativar a circulação.

Estou saindo de Canfranc com destino a Jaca. Há dois povoados com o mesmo nome: o Canfranc Estación, de onde estou saindo agora, e o Canfranc pueblo. Este, até a época de Segunda Grande Guerra, era o único vilarejo entre a fronteira franco-espanhola e a cidade de Jaca. Aqui eram cobrados os tributos fronteiriços, nos séculos passados. A partir dos anos sessenta começou a se desenvolver a estação de esportes de inverno nas partes altas das montanhas, surgindo a Canfranc – moderna e chique – onde passei a noite.

Ainda no asfalto, assim que abandono os grandes prédios de hotéis e apartamentos de aluguel da estação de Canfranc, passo ao lado da desembocadura do enorme túnel que ligará, dentro de poucos anos, a França à Espanha. É um projeto antigo e, pelo jeitão das obras, deve estar quase na etapa final. Quando esse túnel ficar pronto e o fluxo rodoviário estiver todo ocorrendo por ele, creio que Somport será apenas mais uma referência histórica do Caminho de Santiago, como muitas que nós encontramos em nossa caminhada. Provavelmente aumentará o afluxo de caminhantes a Canfranc, o que deverá incrementar os “serviços aos peregrinos” pela rota aragonesa. Se isso acontecer, as margens do rio Aragón deixarão de ser aquilo que espero encontrar nos próximos duzentos quilômetros: paisagens abertas, natureza e convite à introspecção. Mas deixemos essas preocupações para os futuros caminhantes... Assim que passo por um pequeno túnel, ainda pelo asfalto, vejo, à minha esquerda, um mourão de cimento com uma seta amarela indicando a mudança de curso. Desço uma série de escadas encravadas no chão, até chegar ao nível do rio Aragón. Atravessando uma antiga ponte de pedra, passo a caminhar ao lado da margem esquerda.

Mesmo quando a trilha se afasta do rio e siga por bosques mais densos, ainda é possível ouvir o barulho das corredeiras. Como é comum nos bosques do Caminho, a cantoria dos pássaros é um espetáculo à parte.

Após meia hora, ainda pelo bosque, aumenta o barulho da água, mas agora do meu lado esquerdo. Em pouco tempo vejo o motivo: uma queda d’água, de uns quatro ou cinco metros, leva um pequeno afluente do principal rio da região. Não estivesse eu sentindo o frio

que sinto, gelando o rosto protegido por cremes, e se meus olhos não estivessem vendo os picos nevados de onde essa água está vindo, seria a hora de um banho revigorante. A água que flui é límpida, daquelas que permitem ver claramente as pedras do leito do riacho. Mas... vamos em frente. Quem sabe, em outro momento, dá pra rolar um banho nessas águas.

Pouco mais de uma hora de caminhada, sempre ao lado esquerdo do rio e sem encontrar outros seres vivos que não algumas cabras e vacas, chego ao povoado de Canfranc, reduzido a uma pequena vila. Há um mercadinho onde me abasteço de suco de frutas, água e chocolates. Aprendi a carregar a água nas garrafinhas de meio litro, uma de cada lado da mochila. Geralmente não encho toda a garrafa, pois sempre há água à vontade durante o percurso. Em minha primeira caminhada trouxe um cantil, mas não gostei de senti-lo batendo nas pernas todo o tempo. Pendurar na mochila foi pior: o balanço daquele objeto desequilibrava o conjunto que eu, com muito capricho, conseguia ajustar pelas correias. Agora prefiro as garrafinhas. Além de mais equilíbrio, sempre é possível usar uma delas para levar o restinho do vinho que costuma sobrar do lanche noturno...

Sigo meu caminho, tendo ao lado esquerdo uma imponente muralha natural formada pelas encostas da montanha. A trilha, sempre indicada pelas flechas amarelas, faz-me caminhar entre a montanha e o rio. Aos poucos, o curso fluvial vai ficando mais e mais baixo, até que a correnteza esteja contida por dois paredões de pedra, um verdadeiro *canyon*, que rasga o solo com escarcéu.

Resistindo à tentação de registrar mais clichês literários do tipo *Viagens fantásticas*, volto ao Caminho Aragonês. Não estranho a solidão do percurso, pois já esperava por isso. Havia apenas mais dois peregrinos alojados em Canfranc: um alemão – que insistia em me contar alguma coisa totalmente incompreensível – e uma mulher grandona de etnia indefinível. Consigo entender bem os peregrinos franceses, espanhóis e os que falam inglês. Alemão... nada! Decorei, para tentar ser mais social, as palavras básicas do tipo “bom dia”, “por favor” e “obrigado”, mas isso só piorou o não-diálogo: o sujeito pensou que eu entendia a loonga história que ele me contava, seguiu sem ponto e sem vírgula até que consegui encaixar algo tipo “obrigado, boa noite e *buen camino*” – o último em espanhol mesmo.

Até Jaca, umas cinco horas de caminhada, cruzei apenas uma vez com a peregrina grandona, e justamente em um trecho onde a trilha me obrigava a cruzar um rio largo e de forte correnteza. Como o rio, apesar de correr com muita energia, não era muito profundo, a travessia era feita sobre uma espécie de calçada de blocos de pedra, cada um com meio metro de altura. Seria um arriscado exercício de equilíbrio, pois cada bloco ficava a uns quarenta centímetros do outro. Um escorregão, ou perda de equilíbrio por causa da mochila e – tchibum! – uma queda nada divertida e perigosa poderia acabar com a peregrinação já no primeiro dia. Para piorar, dois daqueles “blocos-degraus” estavam tombados e mergulhados na correnteza.

Não vacilei: tirei as botas, amarrei seus cadarços e coloquei o conjunto no pescoço. Com a mochila nas costas e as botas penduradas, creio que fiquei algo semelhante a um burro de carga, mas consegui atravessar o rio. Passo a passo, com a água molhando até a bermuda, cheguei à outra margem. Deitei-me ao sol, sentindo as pernas esquentarem rapidamente, graças ao aumento da circulação. Quando estava calçando as meias, já quentinhas de sol, enxerguei a companheira peregrina na margem oposta. Tinha uma cara que – creio – devia ser semelhante à que eu tinha feito ao analisar aquele arremedo de ponte que se oferecia à sua passagem. Olhou para mim e eu sacudi no ar as minhas botas. Não sei qual a sua nacionalidade, mas a mensagem foi recebida na hora: sentou-se tirou as botas e procedeu como eu havia feito. Quando chegou à outra margem, eu já estava pronto para seguir. Acenei um *tchau* e ela



## O caminho aragonês

fez um sinal que traduzi como *obrigado*. Do alto do morrinho ainda pude vê-la secando os pés ao sol, como eu tinha feito há alguns minutos.

Não tive problemas para chegar a Jaca. Muito calor, mas o vento fresco que sopra das montanhas, todo o tempo, ameniza a caminhada. Cheguei às 14 horas, cansado, é lógico, mas suficientemente bem disposto para ir imediatamente procurar o Correio. Por mais que eu tivesse me esforçado em trazer a mochila com o mínimo peso, parece que não tem jeito: é a terceira vez que venho para o Caminho e ainda trouxe artigos “indispensáveis” completamente dispensáveis. Despachei mais de um quilo de cacarecos para o porto de salvação dos peregrinos: a *lista de correos* de Santiago de Compostela.

Com a mochila mais leve, achei rapidamente o refúgio, quase no final da Calle Mayor, à esquerda. O único problema foi ter que esperar pelo almejado banho: as portas estavam trancadas e só seriam abertas às 17 horas. E quem estava lá, firme e forte? Meu colega alemão do refúgio de Canfranc! Como a maioria dos alemães, deve ter madrugado e disparado pelas estradas. Ele tentou mais uma vez dialogar comigo, contou alguma coisa que parecia interessante sobre a caminhada... Cheguei a procurar as legendas, à altura do peito dele, mas não tinha jeito! Depois de monologar uns dez minutos, o alemão ficou fuçando na própria mochila e eu me sentei no degrau da porta.

Chegou um casal de franceses, ciclistas de meia-idade, com os quais rolou um papo sobre viagens e albergues. Os dois são aposentados e batem pernas (ou rodas) pela Europa toda. Falaram dos custos e dos prazeres de andar sem parar. Interessei-me pelo papo, até que os dois, aproveitando que o alemão tinha ido tomar um café, começaram a falar da “grosseira” e do militarismo dos alemães. Com o início da Comunidade Européia, disseram, vamos ter que aturar esses vizinhos desagradáveis e que sempre foram “nossos inimigos”. Dos alemães, a crítica expandiu-se para os belgas, pois eu disse que gostava da música do Johnny Halliday, um velho dinossauro do rock francês. Como o cantor é belga, sentaram o cacete nos vizinhos da Bélgica também. A partir daí, o massacre dirigiu-se aos grupos étnicos “inferiores”. Sobrou para negros, espanhóis e – principalmente – árabes do norte da África.

Como sei que grande parte dos franceses tem preconceito acentuado em relação aos imigrantes de descendência árabe, certamente por causa dos milhares de argelinos e marroquinos que moram na França, dei minha opinião sobre o problema. Tive que esperar que a memória me trouxesse o sinônimo francês para “ressaca” e disse a eles que os franceses de origem árabe – e frisei a palavra *franceses* – são a ressaca do colonialismo e da exploração que a França impôs aos países africanos durante muitos anos. Os dois deram mais alguns grunhidos e declararam encerrada a conversa.

Deitei-me, encostado na mochila e dormi gostoso até que chegou a encarregada pelo albergue.

O albergue de Jaca é muito bom, limpo, com camas boas e banheiros idem. Em todo o refúgio ficaram, no máximo, uns oito ou dez peregrinos. Arrumei um canto solitário – meus cuidados com roncadores profissionais é um pouco exagerado – e cuidei de lavar a roupa.

Depois de um passeio por Jaca, conversei por meia hora com a mulher – funcionária da prefeitura – que cuida da recepção. Soube que Jaca é uma cidade sem muita tradição com o Caminho de Santiago, e que o turismo é sustentado pelas temporadas de inverno.

Antes de dormir, enquanto fazia a arrumação da mochila, tive a agradável companhia de um peregrino espanhol, distante uma cama da minha, com o qual troquei figurinhas sobre nossos países e costumes.



## CAPÍTULO IV JACA A PUENTE LA REINA

Terra, Terra, por mais distante o errante navegante,  
quem jamais te esqueceria?  
*Caetano Veloso, Terra.*

Na manhã seguinte (dormi como um anjo) acordei com o barulho do casal de franceses, bufando e falando alto. Quando o marido sussurrou para que a mulher falasse mais baixo, a resposta veio curta e grossa:

– Não tô nem aí para os outros, eles que se fodam!

Rolei para o lado e fiquei esperando que descessem para a cozinha. Já estava cochilando de novo quando fui despertado por uma gritaria na rua, alguma algazarra de alguém passando e gritando. Arrumando a mochila, ouvi que a barulheira continuava, e alguém batia na porta do refúgio!

Desci devagar, pois sabia que a “alvorada” de grosseria dos franceses deveria ter atrapalhado o sono de todos. Chegando à cozinha: surpresa! O casal de franceses esmurrava a porta de vidro do refúgio, vermelhos de raiva! A porta tem um sistema de molas que fecha automaticamente e só abre por dentro! Bem que eu tinha visto, durante o dia, uma cunha sob a porta... Os dois não viram e, desesperados, queriam acesso ao café da manhã que já tinham deixado sobre a mesa da cozinha.

Abri a porta e os dois entraram xingando e bufando como só a língua francesa o permite. Nem um mísero *merci* pro meu lado, como se eu tivesse sido responsável pela distração dos dois. Enquanto devoravam o *petit déjeuner*, esquentei calmamente meu chocolate e tomei serenamente meu lanche. Antes que eu chegasse ao meio da bóia, saíram os dois ciclistas. É claro, *au revoir*, nem pensar...

Como já disse, um bom café, nutritivo ou – ao menos – rico em calorias tem sido hábito que adquiri desde minha primeira caminhada em 1999. Demorei a descobrir a importância de um bom desjejum, e as minhas manhãs tornaram-se mais agradáveis depois que comecei a jornada após meia hora de relaxamento e ingestão de sucos, chocolates e madalenas. Ah, sim, madalenas! Algumas pessoas me perguntaram, depois de ler o meu livro *O Caminho das pedras*, o que é essa tal de “madalena” que você come o tempo todo? As madalenas são bolinhos simples, geralmente arredondados e embalados individualmente, que acompanham os cafés e lanches de todo espanhol. Podem ser simples ou recheadas com chocolates e amêndoas. É um componente básico dos lanchinhos e costumei levar uma ou duas na mochila, para degustar nas paradas que faço durante as etapas. Em respeito aos possíveis leitores, acrescentei, na segunda edição de *O Caminho* pequenas notas explicando o que são as

## O caminho aragonês

madalenas, *bocadillos* (sanduíches, geralmente secos e sem graça) e *tortillas* (omeletes suculentas, reforçadas com batatas, cebola e óleo de oliva). Vamos deixar a gastronomia e voltar ao refúgio de Jaca.

Do qual, aliás, saí com intenção de chegar a Puente La Reina de Jaca. Atenção: não confundir *essa* Puente La Reina com *aquela* do Caminho Francês! Entre uma e outra vão aí uns 150 quilômetros, pelo menos. Minha próxima etapa não chega a ser uma cidade, é apenas um entroncamento rodoviário, onde nem existem albergues para peregrinos. O peregrino espanhol (Maí – conforme entendi seu nome) disse-me que ficará em um *camping* que existe um pouco antes do aglomerado de Puente La Reina. Vamos ver...

Saindo da cidade, passei pelo *Matadero Municipal*, construído em 1925. O edifício lembra demais os mercados das cidades do interior paulista e mineiro, onde compramos bons doces de leite e cachaças artesanais. A sinalização me conduz sempre pelas margens do asfalto, mas há pouco movimento de carros.

Depois de quase uma hora, finalmente setas amarelas e conchas indicam um desvio para os campos. Agora sim, trilhas estreitas e muitos pássaros como companhia. De vez em quando passo por alguma casa rural, de onde cães latem furiosamente. Furiosos, principalmente, porque estão todos acorrentados e não podem cravar as dentuças nos meus cambitos.

Do meu lado direito, e muito perto, a visão dos picos nevados dos Pireneus explica o vento fresco que suaviza a caminhada. Apesar de o céu estar aberto, com o sol brilhando a toda intensidade para essa hora da manhã, não sinto calor. Ao meu lado, com águas deliciosamente límpidas e azuladas, o rio Aragón acompanha o sentido de minha caminhada.

Caminho em direção à planície e encontro imensas plantações de trigo: um mar verde, com espigas ainda em início de floração, estende-se até o horizonte. As jovens espigas dançam em harmonia, regidas pelo vento frio que vem das montanhas.

Volto aos bosques, estradas cascalhadas. Ao lado de uma delas, meia hora depois, parei para ver de perto um aglomerado de pedras à margem da estrada. São pedras grandes, já arredondadas pelo tempo, em cujas superfícies surgem “desenhos” de diversos tipos, como se a natureza tivesse traçado linhas e formas geométricas sobre os minerais escuros. Com um pouco mais de imaginação, é possível “ver” sinais e símbolos nas pedras: círculos, arabescos, curvas e signos. Isso me lembrou o que me ocorreu em 1999, a caminho de San Juan de Ortega. Eu já tinha andado quase quarenta quilômetros, sob muito sol, quando tive verdadeiros delírios audiovisuais desencadeados pelos desenhos que vi em uma pedrinha dessas. Agora, com calma e sem a fadiga, filme e fotografo várias delas, respeitando a história e o papel de cada uma na harmonia da natureza.

Depois de algumas horas, já de volta ao asfalto, passo pelo tal *camping*. Na verdade, é uma zona de acampamento de férias, com chalés para alugar. Os preços são proibitivos: cinco mil pesetas para um quarto com banho! Tô fora! Mesmo sabendo que terei que encarar um hotel em Puente La Reina, segui a estrada. Passei por um cartaz, rabiscado em uma tosca placa, que avisava sobre a existência de um refúgio para peregrinos em Arrés. Na placa está escrito: apenas três quilômetros de Puente! Meu guia (*El País/Aguilar*) não aponta a existência desse povoado, e uma dor aguda no tornozelo esquerdo me diz que é melhor ficar mesmo em Puente La Reina.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Soube, dias depois, que o refúgio de Arrés está funcionando e, apesar de muito simples, recebe o peregrino com carinho e muita atenção. Os voluntários que lá trabalham pertencem ao grupo do padre José Ignacio, de Grañon. Arrés é um povoado bem próximo (cinco ou seis quilômetros) de Puente La Reina de Jaca.

Como era previsto, a tal Puente é mesmo um conjunto de edifícios à beira da estrada. Há uma bonita ponte cruzando o Aragón e por ela, seguindo para a direita, cruço o rio e examino as redondezas. Passando a *gasolinera* (posto de combustíveis), há um pequeno edifício da Cruz Vermelha, um escritório de Primeiros Socorros. Hoje é sábado, talvez isso explique o fato de o posto estar fechado. Meu guia diz que é possível dormir na garagem ou na varanda do posto, como alternativa aos hotéis. A sujeira e o abandono que vejo, porém, afastam da minha cabeça tal possibilidade. Tudo bem dormir quase ao relento, mas ainda estamos em maio e muito perto das montanhas.

O Hostal del Carmen faz uma diária especial para peregrinos: metade do que pagam os hóspedes “normais”. Aceito pagar 2.500 pesetas por um quarto com banho, jantar e café incluídos. Considerando a dor no meu calcanhar esquerdo e o cansaço, vale o investimento.

Quarto limpinho, agradável. Banho demorado, roupa lavada e colocada para secar, experimento a cama. O único problema é o estrado, daqueles de tela metálica. Quando deito na cama, afundo como em uma piscina de geléia e minha bunda quase encosta no chão. Simples: coloco o colchão diretamente no solo. Perfeito.

Examino meu calcanhar esquerdo: uma suspeita área vermelha no tendão de Aquiles, dolorosa à manipulação, faz piscar luzinhas vermelhas de alarme em meu cérebro. Massageio com *Radio Salil* (pomada canforada, parente do nosso *Gelo*) e desço usando as sandálias.

Essas sandálias (também chamadas *papetes*) são componente importante do kit peregrino. É com elas que passamos as tardes, depois de chegar aos refúgios. A minha é bem leve, com sola grossa e macia. Com ela, ao contrário do que acontece quando uso a bota, não tenho dor no calcanhar.

Jantei no hotel (incluído na diária, mas custaria 1.350 pesetas se fosse cobrado à parte) e fiquei satisfeito com a qualidade e quantidade: sopa de batata com bacalhau, postas de merluza ao molho de aspargos e champignon, vinho, pão e sobremesa. O garçom que me atendeu era simpático e conversamos um pouco enquanto esperava o segundo prato. No meio do nosso papo, uma cantoria ensurdecidora começou a entrar pela janela que dava para o barzinho externo do hotel. Era um grupo de jovens, tomando cerveja e cantando a plenos pulmões um tipo de música esgoelada e dramática. Algo semelhante a um bando de estudantes cantando *Saudosa Maloca*, depois de algumas caixas de cerveja.

O garçom interrompeu nosso papo e dirigiu-se, sério e pisando firme, até a janela. Permaneceu ainda uns dois minutos olhando para o grupo, estufou o peito e ...

– Pronto! – pensei – Lá vem o esporro nos cantores de buteco...

Que esporro, que nada! O garçom encheu o peito e soltou um dó *molto fortíssimo*, acompanhando os orgasmos musicais dos cantores do bar. Entoou uns cinco minutos de cantoria e voltou, resfolegando, para minha mesa:

– Eu era cantor de *jota* – explica, enquanto recupera o fôlego – mas tive que parar por causa do cigarro... Sabe como é, o fôlego vai acabando...

Imaginei como seria o tal fôlego sem o cigarro... As canções chamadas *jota* são típicas da região aragonesa/navarra. São músicas de caráter geralmente patriótico e de afirmação nacional, o que pode ser sentido mesmo sem o entendimento das letras.

Fui para o quarto e preparei-me para dormir. Apenas duas coisas me preocupavam: onde conseguir alguns lanches para o trajeto de amanhã (vinte quilômetros até Artieda, sem cidade alguma no caminho) e as dores no calcanhar esquerdo. *In dubio*, dormir é uma solução. Amanhã será outro dia, e “não vos preocupeis com o dia de amanhã, já basta a cada dia o seu próprio mal...”.



## CAPÍTULO V PUENTE LA REINA A RUESTA

Alice, um instante depois, tinha atravessado o cristal e havia saltado ao Salão do Espelho.  
*Lewis Carroll, Alice através do Espelho.*

O colchão, devidamente colocado diretamente sobre o chão do quarto, foi perfeito para o sono! Acordei com a primeira claridade na janela, o que significava que era ainda muito cedo. Na primavera espanhola já temos o céu quase claro às seis da manhã, o que explica a fúria madrugadora de alguns peregrinos. Eu me acostumei a ser acordado, em minhas passagens pelo Caminho Francês, pelo *nhec-nhec* dos saquinhos plásticos e do enrolar de sacos de dormir dos «peregrinos-galo» – aqueles que ajudam a acordar o sol com o barulho que fazem ao levantar. Não é o caso de hoje, amanhecer de silêncio e paz.

Bom, depois de olhar para o teto durante meia hora, filosofando nos porquês da existência, fiz meus alongamentos de leito: um tipo de reverência muçulmana, de joelhos sobre o colchão, alongando lenta e suavemente a musculatura das costas. Nem é preciso voltar-se na direção de Meca, pois os resultados são sempre positivos. A contratura dos músculos costais pode ser um inimigo perigoso para nós, carregadores de mochilas.

Banho matinal! Por dois anos evitei banhar-me antes de iniciar a caminhada, sendo dois os motivos: em primeiro lugar, sempre me alojara em albergues de peregrinos, onde as duchas não costumam ser quentes e agradáveis (embora haja refúgios com banheiros cinco estrelas), e o burburinho apressado dos peregrinos utilizando os lavatórios desencoraja a atitude.

O segundo motivo era um boato que existe entre os peregrinos: o banho matinal “afina e amolece” as plantas dos pés, facilitando a formação de bolhas.

Resolvi encarar o desafio e gastar mais meia hora em um banho quente e agradável. Meu tornozelo esquerdo está dolorido, o tendão de Aquiles começa a ficar vermelho, o que me incentivou a improvisar uma fisioterapia térmica. Quanto ao problema das bolhas, confiarei em meus preparativos, já utilizados com sucesso nos dois anos anteriores: uma suave camada de vaselina nos pés (principalmente entre os dedos), alongamento dos músculos dos pés e tornozelos e usar duas meias de algodão. Como preparativo, tratei sempre de realizar caminhadas ou ao menos caminhar com pés descalços até formar uma sola mais grossa do que a que normalmente exibem os seres urbanos como eu, usuários eternos de tênis e sandálias.

Hoje, cedendo a uma das normas tradicionais, estou usando apenas um par de meias, pois a dor no tendão esquerdo aumenta com o roçar da parte posterior da bota. Vamos caminhar assim e acompanhar – do lado de dentro do personagem principal – o desenrolar

dos acontecimentos.

Às sete horas desci para pagar o hotel e tomar café. Só encontrei o proprietário, que me aguardava na recepção, conforme eu havia solicitado na véspera.

– Você pode ir tomar seu desjejum! – disse-me, gentilmente – e depois venha fazer o pagamento.

Fui ao *comedor* (refeitório) do hotel, onde havia um canto do balcão com leite, suco, bolachas e madalenas. Fiz um lanche reforçado, pois não haveria, durante o trajeto, vilarejos onde pudesse comprar lanchinhos intermediários. Quando terminei, como se tivesse marcado o horário, o proprietário entrou com a notinha da conta: duas mil e trezentas pesetas (uns treze euros) pelo alojamento, jantar e café. Como havíamos combinado, era preço especial para peregrinos, pois a tabela exposta na recepção mostra exatamente o dobro desse valor. Valeu!

Já arrumando a mochila, perguntei ao hoteleiro:

– Há algum lugar onde eu possa comprar alguma coisa para comer durante a caminhada de hoje?

Ele apontou, com o queixo, o balcão do bar:

– Pegue o que quiser!...

Simpático e animador! Por pura educação e timidez, catei duas ou três madalenas (é claro, escolhi daquelas recheadas com chocolates, pois até timidez tem limites) e guardei cuidadosamente na mochila. Enchi minhas duas garrafinhas de água, agradei ao *patrón* e saí para a estrada.

Dia nublado, mas o sol se intui por trás das nuvens. Vem calor aí... Começando a caminhada pelo asfalto, em pouco tempo sou guiado para uma trilha que se afasta da estrada principal e vai em direção aos campos. É uma estradinha rural, que se inicia com asfalto um pouco prejudicado e depois passa a chão batido, cortando imensos campos de trigo.

Alguns córregos, marginais à estradinha, estão quase totalmente cobertos por uma vegetação aquática densa na superfície da água. Apenas alguns “pedacinhos” dessa cobertura se movem de modo diferente... estranho... mas tudo se esclarece quando esses tufoes verdes começam a coaxar! São rãs (ou sapos, sei lá), em número realmente assustador! A sinfonia dos anuros é coberta apenas pela desenfreada cantoria dos pássaros, em um efeito *dolby surround* proveniente de todas as árvores e arbustos pelos quais vou passando. Ouvidos abertos, pensamento flutuando à mercê dos encantos da paisagem, aqui estou eu caminhando em direção a Artieda.

*Atenção! É preciso estar atento e forte!* – cantava a plenos pulmões Gal Costa, roupa de *riponga*, cabelos *black power* e espelinhos dependurados no peito, no Festival de Música Popular da TV Record de 1969. *Atenção!*

Se não forte, é fundamental estar ao menos atento ao seguir essas trilhas peregrinas. De repente, o caminho se bifurca em dois tramos exatamente iguais! Não há um rumo nitidamente “principal” a escolher, nem existem as marcas de botas impressas no solo – o que encontramos por quase todo o Caminho Francês. E agora? O guia é inútil nessas horas.

No ângulo da divisão do caminho, uma pedra quase oculta pela grama exibe uma tímida flecha amarela! Aleluia! A dita cuja flechinha aponta para a pista da direita. Sigamo-la, pois!

Mais campos de trigos, a perder de vista. Os cuidados com a cultura são extremos: passo ao lado de um monstro mecânico, um intrincado sistema de irrigação formado por canos, rodas e engrenagens. Sua extensão cobre uns cinquenta metros de trigal e suas rodas

## O caminho aragonês

estão estrategicamente alinhadas com os sulcos vazios que separam as áreas cultivadas. Se houver, em nossa terra, uma política agrícola *séria* e voltada para as necessidades *reais* de nosso povo, essas e outras técnicas irão garantir a produção de alimentos e a geração de empregos para nossa sofrida gente. Sei que não é fácil, mas é possível.

Após mais uma bifurcação, na qual mais uma seta amarela foi o único indicador do caminho correto, arrisco-me a uma afirmação: é possível até fazer as peregrinações pelas rotas de compostela sem a utilização de um livro-guia, mas sem as tradicionais setas amarelas certamente seríamos induzidos a erros enormes. Essas marcas começaram a ser pintadas na região de Navarra no início dos anos noventa, por iniciativa de voluntários, e hoje são verdadeiros sinônimos da peregrinação. É claro que não podemos colocá-las no mesmo plano dos símbolos seculares (cajado peregrino e concha do molusco chamado vieira), mas devem ser consideradas signos da moderna caminhada a Santiago. E é sobre essas marcas que vale o aviso: *atenção, olhos abertos!*

O trajeto de hoje, segundo o guia *El País*, não passa por dentro de nenhuma cidade. Há uma grande reta, cruzada por estradas secundárias que levam às cidadelas de Martes e Mianos. Fora disso, apenas estradas secundárias e trilhas pelos pequenos bosques.

Ouçó o som de água corrente e, de repente, tenho meu caminho cortado por um rio. Felizmente, as águas formam apenas um fino espelho sobre o leito de pedras, de modo que posso atravessar a "correnteza" sem molhar a parte superior das botas.

Meia hora depois, em frente a uma casa, encontro postado um senhor de uns setenta anos, forte e bem disposto.

– *Buenos días, peregrino!*

– *Buenos días, señor!*

Saudações de praxe, o espanhol apresenta-se: é o senhor Francisco Peralta, que me convida para entrar e tomar um pouco de água fresca. Entre alguns copos de água e a degustação dos biscoitos oferecidos pelo anfitrião, fiquei uns trinta minutos proseando e descansando na varanda de sua casa. Na parede da sala, um grande quadro com a imagem do Sagrado Coração de Jesus denota a fé católica do seu Francisco. Sua gentileza aos peregrinos, porém, extrapola qualquer tipo de enquadramento canônico. É puro carinho e simpatia.

– *No te olvides de pedir por nosotros a Santiago!*

Despede-se acenando, ao que retribuo antes de seguir meu trajeto. Pessoas como Dom Francisco Peralta dão um acréscimo extra de energia aos peregrinos e nos ajudam a passar para o outro lado do espelho, onde iremos explorar o mundo paralelo ao nosso trivial. Imagens de dona Felisa, do padre José Maria, de dona Maria Tobia, de Maribel e outras pessoas, todas ligadas à recepção e ao trato dos peregrinos, vêm à minha mente. O Caminho de Santiago tem, nesses homens e mulheres, seus últimos elos entre o sentido espiritual da caminhada e as mudanças perversas que as transformações geopolíticas e econômicas imprimem às trilhas espanholas que levam à Galícia. E depois deles, como vai ficar?<sup>2</sup>

O tempo está fechando aos poucos e, preocupado com um possível encharcamento das botas, ando mais rápido.

---

<sup>2</sup> Assim como soube da morte da Madame Debrill (maio de 2000) durante a revisão d' *O Caminho das pedras*, acabo de saber (21 de outubro de 2002) que faleceu Doña Felisa de Logroño. Durante dezessete anos, conforme me disse em setembro de 2000, esteve em sua barraquinha na entrada de Logroño, oferecendo *higos, agua y amor* aos peregrinos passantes. *Buen camino*, Doña Felisa!

Cantando – sem um pingo de vergonha por estar *mentindo* a letra – um dos hinos do Raul Seixas (“eu perdi o meu medo, o meu medo, o meu medo, o meu medo da chuva...”), avisto Artieda. Como quase todas as cidades pelas quais tenho passado, essa também fica no alto de uma colina, à minha esquerda. No extremo direito da paisagem vejo as primeiras águas da represa de Yesa, que deverá ser minha companhia nos próximos dois dias.

Mesmo com o aumento da dor no calcanhar esquerdo, arrisco-me a passar direto por Artieda e chegar a Ruesta, uns dez quilômetros à frente. Atravessando uma plantação de trigo, vejo parar um carro ao meu lado. É uma família espanhola, que me cumprimenta e deseja o tradicional *buen camino*. Antes de partir, o motorista ainda elogia o *palo* (cajado) que estou usando:

– *Muy elegante, su palo!*

Dou uma olhadinha para o dito cujo (o cajado, não o espanhol) e, agradecendo, aceito o elogio. A questão do cajado é um dos objetos de controvérsia entre peregrinos: há os que gostam de usar cajados curtos, do tipo bengalas, outros preferem os mais altos. Os europeus usam bastante os bastões de metal leve, especiais para quem faz *trekking*... cada um tem sua preferência. Há mesmo quem afirme ser o cajado algo desnecessário para a caminhada.

*Pessoalmente* prefiro um cajado que tenha a minha altura, empunhando-o mais ou menos à altura do ombro. Acostumei-me a caminhar firmando o bastão no solo, um pouco à frente dos meus pés, e “remando” para a frente ao dar o passo. Isso diminui o esforço das pernas e das costas, dividindo o peso com a “terceira perna”. Quando passei por Azqueta, em 1999, conheci Pablito, *lo de las varas*. Pablito fez o Caminho há muitos anos e o repetiu várias vezes. Consta que foi o primeiro a desbravar, em bicicleta, as trilhas que eram usadas apenas pelos caminhantes. Pois esse Pablito fabrica e dá cajados de avelaneira aos peregrinos que passam pela sua aldeia. Quando o conheci, ao orientar meu amigo Epitácio sobre como usar o cajado, disse:

– Você deve empunhar o cajado à altura do coração, para ter firmeza e apoio... o comprimento do cajado deve ser suficiente para que dê três passos antes que ele toque novamente o chão. O cajado diminui o cansaço, auxilia nas subidas e alegria a caminhada!

Nos dois anos seguintes, voltando à Espanha para refazer a caminhada, trouxe meus cajados do Brasil. É muito gostoso fabricar, carinhosamente, um cajado *na medida*, lixá-lo, deixá-lo secar... coloco uma abraçadeira metálica na extremidade inferior para evitar o desgaste, e está pronto meu auxiliar de peregrinação!

O cajado deste ano, elogiado pelo espanhol, está realmente caprichado: preendi nele uma pequena cabaça e uma concha de vieira, artefatos preparados no Brasil e trazidos na mochila. A vara foi embalada em papelão e veio com a bagagem. Chegando em Somport, enquanto a chuva não caiu, preendi os enfeites – previamente furados – na parte superior do bastão. Admito: faz bonita vista, além de cumprir seu papel de apoio e companhia nessas estradas quase sempre desertas.

Com ou sem cajado, o que está pegando firme agora é a dor no tornozelo. Tentei andar mais devagar... nada! A bota, ao roçar no tendão de Aquiles, provoca uma dor lancinante, como se algo se rasgasse no tornozelo. Afrouxei os cadarços da bota, pois o terreno é praticamente plano... e nada de melhora.

Criei coragem, sentei-me, tirei o calçado e examinei o pé esquerdo. Susto! O tendão está com um vermelho intenso, levemente inchado, e dói quando roço os dedos sobre ele. Seria a temida *tendinite*?

Como fazem normalmente os médicos, quando se trata de analisar a própria condição



## O caminho aragonês

física, desqualifiquei o problema:

– Não é nada, apenas a roçadura da bota no calcanhar...

Fiz massagem com vaselina, calcei a bota e segui em frente. Vamos a Ruesta!

Vamos não. Fui arrastando a perna, cada vez mais devagar, até parar completamente.

Tirar a bota, mais massagem... e *aquele* medo ressurgiu no nada:

– Não vai dar para continuar!... Desistir da peregrinação... Interromper...

*Eu sou o que eu penso. Meus pensamentos criam o instante em que vivo. Se os pensamentos estão afetados pelo medo, pela ansiedade, a solução é não pensar. Buscar o silêncio da mente. Esvaziar as palavras da cabeça... apenas respirar e olhar. Olhar, olhar, evitar buscar a solução através do raciocínio. Calma.*

A visão do tendão, vermelho e inchado... a parte posterior roça o local machucado... não vai dar para continuar com essa bota, assim...

– Ora, vou seguir sem a bota!

Não foi difícil. É óbvio! Tão óbvio que não apareceu de imediato. Coloco as papetes, amarro as botas na mochila e pronto! Ando, com calma, e não sinto dor. Muda o som dos meus passos, mas eles continuam me levando até Ruesta.

Sigo pelo asfalto, tendo a represa à minha direita, que está cada vez mais larga e as águas – refletindo a cor do céu – parecem ficar cada vez mais azuis. Caminho devagar, aproveitando a paisagem.

Vejo a silhueta de Ruesta às quatro da tarde. Um pouco mais de trinta quilômetros vencidos. A primeira visão que tenho do *pueblo* é da silhueta de uma torre muito alta, em ruínas. Ao me aproximar, vejo mais e mais paredes seculares de pedra, como se fosse uma cidade fantasma. Lembro-me de Foncebadón, na província do Bierzo, que teve seu auge nos séculos X a XII e permaneceu completamente em ruínas até dois anos atrás. Hoje já há restaurantes e hotéis funcionando na paisagem mística e significativa de Foncebadón.

Entrando em Ruesta, chego imediatamente à “praça” da igreja, onde muitos carros anunciam a presença de turistas. Algumas pessoas presentes fornecem a indicação necessária para encontrar o refúgio. Arrasto-me ao edifício que foi revitalizado pela CGT (Confederação Geral do Trabalho) espanhola. Ele funciona como hospedaria para turistas, acampadores e peregrinos. Bem organizado e limpo, permite que eu me recupere da marcha (e das preocupações) do dia de hoje.

Na sala de recepção do albergue, fico ainda mais grilado com o tornozelo esquerdo. Está um pouco inchado e muito dolorido. Ao ver que eu mancava, o hospiteiro percebeu que o tendão estava avermelhado. Fez uma careta e meneou a cabeça:

– *Hum!... No está bonito...*

Sugere que eu descanse, faça um banho quente e massagem no tornozelo.

– ... E um bom antiinflamatório.. – completei em pensamento.

No folheto que pego sobre a mesa, atulhada de papéis e outros cacarecos, descubro que estou alojado em um “Centro Vacacional por iniciativa de la Confederación General del Trabajo – CGT”, cuja gestão cabe à Associação Nova Ruesta. Os preços – para peregrinos, primeira noite, em versão 2001 – vão abaixo:

Pernoite – 6 euros

Jantar – 8 euros

Desjejum – 3 euros

Além do óbvio pernoite, tratei de encomendar o jantar. Não há qualquer *tienda* (mercadinho) por aqui, e a fome começa a cutucar meu estômago. Puxo um pouco de prosa com o jovem hospitaleiro, desejando conhecer a história daquelas ruínas que formam Ruesta. Fiquei sabendo que até 1959 Ruesta era uma vila habitada por agricultores e criadores de gado. A área de cultivo e pastoreio era aquela das margens do rio Yesa, ou seja, o que é hoje o fundo da represa que ocupa todo o vale abaixo do povoado. Os moradores, sem ter como manter sua subsistência, abandonaram a vila e buscaram outras paragens. Ruesta ficou em ruínas até há poucos anos, quando a CGT liderou um movimento de revitalização do povoado. Esse centro de férias é uma das principais iniciativas para devolver a vida ao vilarejo.

Os cartazes e folhetos na parede mostram também os vários movimentos contra a forma como foi imposta a represa e como é feito o gerenciamento de seus lucros, denunciando que a exploração das águas do Aragón é feita apenas a favor dos empresários e contra os interesses da população ribeirinha.

Não é por acaso que a reconquista da Espanha, a partir do século IX, tenha começado justamente nesta região de Navarra e Aragón. Um povo que conhece seus direitos e luta por eles pertence ao grupo dos que “fazem a hora e não esperam acontecer”.

Fiquei com espírito melhor após o banho quente e mais uma massagem do tendão com *Radio Salil*. Caminhei pela velha igreja, que está em reformas, e pelas ruínas das casas de Ruesta. A vegetação, polvilhada de flores amarelas, desconhece a existência das paredes de pedra e invade o que outrora foram os lares dos agricultores e pastores locais. A mente humana trabalha com imagens, e eu vejo um paralelo entre aquelas ruínas e o ser humano: assim como aquelas casas foram chamadas de *lares* quando lá viviam, trabalhavam e amavam as pessoas, nós também só podemos ser considerados seres humanos – criados à semelhança de algo superior – se em nosso corpo permitirmos o fluir de sentimentos de amor, carinho e superação do ego. A frieza dessas casas abandonadas equivale à tristeza e ao desalento de uma vida sem amor. *All we need is love*.

A meditação sobre o sentido da vida é abalada pelo barulho alegre que vem do terraço do albergue: famílias curtindo a tarde fazem algazarra, com risos, crianças gritando e adultos com a voz exacerbada pelos copos de vinho emborcados no almoço. Uma verdadeira *faruefa*, se existisse o termo em espanhol... Sentado ao sol, examino meu tornozelo esquerdo: mais vermelho e dolorido ao toque, embora não haja incômodo quando caminho usando o chinelo. Pego as botas, que secavam ao sol, e vejo claramente a “causa do crime”: a parte posterior da bota esquerda fez uma dobra para dentro, pressionando *exatamente* o tendão que está afetado! A bota direita não tem essa dobra, o que justifica não haver problema com o pé direito. Está explicada a origem o problema! E a solução, cadê?

Dentro da lógica, é necessário tirar aquela dobra assassina. Reforçar a parte posterior da bota ou algo assim. Perguntei ao hospitaleiro por algum sapateiro, e a resposta veio pronta:

– Em Sangüesa você vai encontrar alguém que o ajude com isso.

Tudo bem. Irei até lá usando as papetes e vamos ver.

Estou contando todo esse drama com um objetivo: é necessário fazer a devida preparação para uma caminhada longa como essa. Na Idade Média, segundo li em alguns livros, a peregrinação a Santiago podia durar um ano. O risco de perder a vida era alto, devido aos

## O caminho aragonês

assalto de bandidos – mouros ou cristãos. Além disso, os peregrinos usavam – quando podiam – apenas sandálias primitivas, sofrendo assim ferimentos e lesões graves nos pés e pernas. Some-se a isso o desconhecimento dos mecanismos geradores de infecção e a pouca intimidade que os medievais tinham com a higiene pessoal e o resultado era desastroso: infecções, gangrenas e amputações. Não fosse a dedicação dos monges hospitaleiros – e, entre eles, os Monges Negros de Cluny –, certamente haveria um número menor de peregrinos medievais chegando à Catedral de Santiago de Compostela.

Se temos à nossa disposição, hoje em dia, trilhas incrementadas com setas amarelas e refúgios hospitaleiros; se não há mais lobos, ursos e assaltantes pelas florestas e se a indústria dos esportes campestres nos proporciona eficientes botas e mochilas, é nossa obrigação cuidar do mínimo preparo para que não haja surpresas desagradáveis durante a caminhada.

Realizar caminhadas preparatórias, usando as botas e a mochila previstas para a peregrinação, é o *minimus minimorum* que podemos fazer para a prevenção de problemas como este que me aflige neste momento. Tivesse eu “amaciado” a bota durante alguns meses, como deve ser a boa prática, talvez tivesse evitado a ansiedade que ocupa nesta noite meus últimos pensamentos antes que o sono chegue.

Uma vez perpetrado o “erro”, é hora de trabalhar a solução. Em nosso plano cotidiano de vida, o tempo flui em apenas um sentido. Passado e futuro são memórias e projeções de nossa mente e temos apenas o presente para agir. Veremos o que será possível conseguir em Sangüesa.

Minha segunda preocupação de hoje está em um evento distante dez mil quilômetros daqui: meu Timão está em ferrenha luta contra um timinho de Ribeirão Preto, disputando o título do maior campeonato de futebol do mundo. Amanhã ligarei para saber o resultado. Tenho dúvidas sobre minha recuperação física, mas o Corinthians não falha! Tá bem, às vezes nós damos uma chance aos outros, para criar alguma competitividade nos torneios...<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup> É a rotina corintiana: o alvinegro do Parque São Jorge desconheceu o Botafogo de Ribeirão Preto e sagrou-se campeão paulista de 2001.



## CAPÍTULO VI RUESTA A SANGÜESA

Por isso, não é em vão que o processo alquímico seja nomeado tantas vezes pelos filósofos como Caminho de Santiago.  
*Atienza, Lendas do Caminho de Santiago.*

Acordei duas vezes durante a noite, incomodado pela dor no tornozelo. Nada grave, pois dormi em seguida, nas duas vezes. Enquanto tomava o suco e o bolinho do desjejum, lembrei-me claramente de um sonho que tive. O cenário era composto pelas imagens do castelo de Montségur e pelas encostas da primeira ruína que avistei em Ruesta. Como em um filme, assisti a cenas de batalha, violência e medo. Um ferimento, especificamente, dissipou as névoas que envolviam essa lesão no meu tornozelo esquerdo. É claro que, à luz da razão, o sonho foi resultado da dor no local lesado, durante o sono. Eu fico com outra versão, baseada em minhas convicções sobre as pontes existentes entre o mundo sutil dos sonhos e intuições e o outro, material e manifesto: minha busca por Montségur está encerrada. Missão cumprida.

A saída de Ruesta leva diretamente a trilhas embrenhadas em bosques fechados, onde tive muita dificuldade para seguir as poucas marcas e flechas amarelas. Eu percebia que estava subindo, mas tinha pouca visibilidade. As estradinhas, cobertas de cascalho, lembram alguns trechos do Alto do Erro, montanhas que ficam logo após Burguete. Consegui encontrar algumas marcas, durante algum tempo. Após duas ou três encruzilhadas, senti que estava fora de qualquer caminho que me levasse a Undués de Lerda. Esse vilarejo fica próximo a Ruesta e a ele chegamos caminhando sobre uma antiga calçada romana. De Undués, segundo o guia, seria fácil alcançar Sangüesa, onde espero resolver o problema da bota (e do tendão lesado).

Rodei mais de uma hora pelos bosques, completamente perdido.

– Que saco! Os caras que estão explorando o refúgio poderiam cuidar melhor da sinalização! Que falta de organização!

Fiquei indignado, mesmo sem ter muito com que ou com quem, pois estava assustado com a dificuldade em achar a trilha certa. Na hora, sem rumo, meu sentimento foi de raiva e indignação.

Chegando na parte mais alta do morro consegui, finalmente, ter uma visão da paisagem do vale. A represa do rio Yesa, responsável pelo esvaziamento da pequena Ruesta, é cada vez mais larga. Como não consigo encontrar marcas confiáveis da trilha peregrina, decidi caminhar de modo a acompanhar o curso do rio. Pelo mapa do guia, o fluxo do rio irá me levar de volta ao meu caminho. Desisti de vez de Undués de Lerda, pois, pelo jeito, lerdo estava eu.

Fui descendo, aos poucos, em direção às margens da represa. Preferi ter um resqúcio

## O caminho aragonês

de segurança do rumo a vagar a esmo pelos bosques. Em meia hora cheguei a uma estrada asfaltada, paralela às águas azuis da represa. Devagar, pois ainda sentia um pouco de dor no tornozelo mesmo usando as sandálias, acompanhei o alargamento progressivo da massa de água até chegar às comportas que represam o rio Aragón. Próximo à cidade de Yesa, as águas formam um lago amplo, a perder de vista. A correnteza que fazia tanto barulho, quando eu iniciava esta caminhada, é substituída pela calma das águas paradas de um lago sereno.

Cheguei às comportas, onde está o sistema de turbinas. O barulho das águas, caindo fragorosamente pelas tubulações, é ensurdecido. À minha frente estão as casas da cidade de Yesa e o guia me dá a triste notícia: acabo de me desviar muitos quilômetros do trajeto mais curto que ligaria Ruesta a Sangüesa. A placa, na entrada da cidade, deixa clara a minha situação: SANGÜESA - 13 QUILOMETROS. Vamos nessa! Mais um peregrino-tour extra!

Após a enorme murada das comportas há uma escadaria, sob a qual a água volta a ser canalizada para um leito cimentado. Por via subterrânea, essas águas formam, novamente, o alegre e saltitante rio Aragón.

Um súbito cansaço fez com que eu encontrasse um banco, à sombra de uma boa árvore, e soltasse o corpo em suaves alongamentos. Deitei-me no banco para descansar.

Há algumas horas, por ter perdido de vista as marcas que me levariam a Undués de Lerda, fiquei com o peito carregado de indignação e um pouco de raiva “contra” as pessoas que – segundo minha visão, naquele momento – *deveriam* ter feito uma sinalização melhor na trilha. Por algum tempo, zanzando entre árvores e procurando sinais no chão, deixei de desfrutar daqueles momentos de paz e serenidade e *optei* por armazenar o mal-estar em mim. Olhando as águas do Aragón, novamente fluindo harmoniosamente após desabar pelas comportas da represa, tenho a evidência de que *represei* emoções negativas desnecessárias em meu peito. Enquanto o rio corria solto, em Somport, Canfranc e Puente La Reina, transmitia alegria e comunhão com a natureza. Depois de trancado e travado pelas paredes da represa, perdeu sua energia, cobriu áreas de agricultura e pastoreio, desempregou pessoas e esvaziou cidades. Contido pelo cimento, transformou-se em um espelho flácido e passivo de água. Caindo pelas comportas e turbinas, as águas produziram os resultados que os homens desejavam: geração de energia, etcétera, etcétera...

Eu *poderia* ter deixado correr os momentos desorientados, à saída de Ruesta. Provavelmente chegaria a Undués, ou não, mas permaneceria com o espírito leve. Por ter me retraído e deixado as emoções chegarem à jugular, carreguei sobre meus ombros um fardo desnecessário e cansativo. Como a represa, essas emoções negativas acumuladas deixam marcas, machucam, e poderiam até colocar pesadas pedras na mochila que carrego na vida.

É preciso deixar fluir. Qualquer um de nós, sem dúvida, pode criar o mundo ao seu redor. Sem julgamentos críticos e sem cultivar emoções negativas no coração, podemos deixar que corram soltas as águas da vida.

*Cada um de nós compõe a própria história, e cada ser, em si, carrega o dom de ser capaz, de ser feliz.* Essa é a pura verdade. Ouvi, em três ocasiões, Renato Teixeira contar como ele e Almir Sáter fizeram *Tocando em frente*, cujos versos iniciam este parágrafo: música e letra saíram “de estalo”, em poucos minutos. Os dois ficaram vários meses perguntando aos amigos se aquela canção já não existia, tamanha a facilidade com que ambos a compuseram. O mesmo aconteceu com *Yesterday*, composta por Paul McCartney. Em suas próprias palavras: “eu caí da cama, com a música já pronta na cabeça. Devo ter sonhado com ela...”.

Creio que ambos captaram – e isso é um dom dos artistas – a música do Universo e a traduziram para a linguagem humana. O verso de Teixeira e Sáter é um resumo dos mitos e

religiões de muitos séculos de história humana. Cada um faz sua vida. Ouvi-la fluir e acompanhar seu deslizar é vivê-la.

Tomei um lanchinho em Yesa e segui. O Aragón voltou a ser um rio e eu reencontrei as minhas flechas amarelas.

Subindo pelo asfalto, ainda meio que resmungando a “falta de sorte” pela volta que estou dando, vi um belíssimo castelo no alto da colina. Bom, ao menos terei algo para me distrair. Com calor, suando muito, demorei a me aproximar do que parecia ser o castelo. Apesar de “conformado” pela volta que estava dando, eu ainda tinha uma boa dose de resmungos para ruminar.

– Caramba!... Que perda de tempo e energia!... Errar o caminho outra vez!

Em 1999 já havia dado uma pisada na bola, quando errei a direção em um cruzamento na saída de Carrión de los Condes. A seqüência dos fatos acabou mostrando que aquele “desvio” foi, na verdade, uma retificação no meu trajeto, e para melhor. Mas, e agora? Neste Caminho aragonês, qual o sentido de ter passado por Yesa e estar ralando nesse asfalto?

Ao chegar perto do tal castelo, vi surgirem jardins, alamedas e algumas casas. Atravessei um bosque delicadamente ornamentado para dar de cara com o “castelo”: era um conjunto formado por uma enorme igreja e uma fortaleza, ambos de pedra. Na entrada da igreja, as placas informam tratar-se da Basílica de São Francisco Xavier, santo espanhol. O castelo ao lado tinha sido a morada de sua família, o que explica os vários lugares e instituições com o nome de *Javier*, nesta região.

Arriei a mochila e, sentado nos degraus da igreja, percebi que meu descaminho, ao dar a volta por Yesa, teve a “intenção” de me trazer à terra natal de uma figura ornada de grande significado para mim.

Passei uma hora, entre visita à igreja e aos outros lugares que rodeiam o castelo. As imagens que representam etapas da vida de São Francisco Xavier, suas viagens e peregrinações ao Oriente, todas ainda bem-conservadas, provocaram em mim reflexões sobre temas que julgava adormecidos.

Francisco Xavier nasceu aqui mesmo, neste castelo, em abril de 1506. De origem nobre e rica, abandonou seus estudos em Paris para ser jesuíta. Sua vida foi dedicada à evangelização de povos do Japão e da China, onde morreu em 1552. É cultuado, de modo fervoroso, pela população navarra, havendo festas e peregrinações durante os meses de abril e maio.

Rememorei os vários momentos em que, nos últimos tempos, o nome de São Francisco Xavier cruzou minha vida. Desde a visita que fiz, há mais de dez anos, ao falecido médium Chico Xavier, à “casualidade” que me levou a morar no distrito de São Francisco Xavier – município de São José dos Campos/SP –, sempre encontro cruzamentos entre minha vida e a do jesuíta, cuja basílica visito nesse dia. Mais uma vez, apenas para que eu me convença definitivamente, constato que *não existe acaso*, e que a “sincronicidade é uma das línguas que Deus usa para permitir que alcancemos nossos desejos”. Escrevi essa frase no meu diário peregrino, em 30 de maio de 1999, após um dos milagres – conforme minha interpretação do que essa palavra significa – com que fui agraciado na minha primeira peregrinação. Como não pretendo mudar a frase, escrita dessa maneira n’ *O Caminho das pedras*, acrescento agora: uma das línguas que Deus usa para permitir que alcancemos nossos desejos e *sigamos corretamente o curso de nosso destino na Terra*. Enfim, uma seta amarela na vida.

A caminhada até Sangüesa transcorreu sem mais intercorrências. Não senti o cansaço que temia, apesar de seguir por um grande trecho de estradas asfaltadas e em regime de sobe-

## O caminho aragonês

e-desce constante. Durante muitos quilômetros, depois do Castelo de Javier, passei por pequenos monumentos construídos à beira da estrada. São cruzeiros dedicados a São Francisco Xavier, numerados em capítulos, e fazem parte da via sacra que os peregrinos realizam, todos os anos, em homenagem ao mais ilustre filho da região. A inscrição nos cruzeiros diz que são fruto da devoção “dos moços navarros a Xavier”.

Nas partes mais baixas reaparecem os trigais. O asfalto continua sendo margeado por largos campos de plantio, onde as papoulas pontuam de vermelho o verde intenso que se estende até o horizonte.

Sangüesa é uma cidade de tamanho médio, levando-se em conta as que cruzamos durante a caminhada a Santiago. Já nas primeiras ruas da parte urbana encontramos as simpáticas cegonhas em seus grandes ninhos, ornamentando telhados, chaminés e campanários. Foi fácil encontrar o refúgio de peregrinos – e que refúgio! Um sobrado, cuidado carinhosamente por uma organização religiosa de Irmãs de Caridade, cuja sede fica no edifício contíguo, oferece *tudo* que poderia desejar um cansado peregrino, com dores no pé esquerdo e ansioso para saber se conseguirá seguir sua jornada.

Toquei a campainha do prédio das *Hijas de la Caridad* e fui carinhosamente atendido por uma religiosa, que me entregou a chave do refúgio. Eu era o primeiro a chegar.

– Pode ficar com a chave e entregar amanhã, na hora de partir – disse-me a simpática senhora.

Abri a porta e entrei no sobrado. Uma grande sala, com mesa e cadeiras. Cozinha equipada, banheiros limpos e dotados de duchas quentes... No andar superior, um dormitório brilhando de limpo, com uma dúzia de camas arrumadas. Lençóis limpinhos, travesseiros, cobertores... Fiquei meia hora apenas sentado na cama que escolhi, relaxando e desfrutando daquele ambiente.

Após o banho – perfeito! –, esperei que o relógio marcasse umas quatro horas e saí para a rua. Há que se respeitar o horário da *siesta*, já que quase todos os estabelecimentos fecham entre uma e quatro da tarde. Levo em minhas mãos, além da filmadora, o par de botas que pretendo voltar a usar nos próximos setecentos e poucos quilômetros.

Fiz um pouco de hora, visitando a Igreja de Santa Maria La Real. Acabei ficando mais do que esperava, pois o edifício é um primor de beleza. O pórtico, por si só, merece muito tempo de observação, tamanha a riqueza dos detalhes de suas esculturas e entalhes. Depois de muito perguntar pelo sapateiro (*el hombre que arregla calzados* – em minha tradução para o portunhol), cheguei a uma loja de calçados. Vendo um par de lindas botas de caminhada, na vitrine, fiquei tentado a deixar as minhas no lixo e adquirir aquelas. Alguns segundos de reflexão mostraram a inconveniência da dramática e vingativa solução:

– Bela vantagem: coloco botas novas “não-amaciadas” e corro o risco de tudo se repetir...  
– pensei, desistindo imediatamente da idéia.

Perguntei ao lojista se conhecia alguém que me ajudasse a consertar as botas.

– Qual é o problema? – perguntou com segurança.

Contei a história da dobra do couro da bota esquerda, coroadando a explanação com a exibição do pé esquerdo, cujo tendão-de-aquiles exibia uma coloração vermelha, com um halo arroxeadado devido ao hematoma que se instalou no calcanhar.

O homem olhou a bota, por dentro e por fora. Abaixou-se e examinou meu calcanhar, olhou novamente a bota. Olhava e semicerrava os olhos, o que os professores de neurolingüística dizem significar que ele estava desenvolvendo um raciocínio abstrato. Não deu outra: soltou a análise diagnóstica de uma só vez.

– O couro está pressionando o tendão e se continuar assim vai piorar. Posso colocar um reforço na parte posterior, para evitar a dobra, mas isso vai estragar a bota. Ou faço isso, ou...

Esprei alguns segundos e, como ele ainda parecia estar raciocinando, incentivei a continuação.

– ...Ou?...

– Ou posso colar no calcanhar de sua bota uma – ou duas – calcanheiras. Se o seu pé ficar mais alto, dentro da bota, a dobra do couro vai deixar de apertar o tendão. Que tal?

Lógico! Mais uma vez, vejo que é necessário olhar os problemas por todos os lados, para que a criatividade tenha espaço e aconteça. É justamente isso que está propondo o lojista/sapateiro: ao invés de remendar a bota, mudar a posição do pé machucado dentro dela!

Mostrou-me as *taloner*as que tinha à venda: pequenas estruturas de silicone, em forma de cunha, que seriam colocadas sob meu calcanhar. Abriu a caixa e colocou logo duas – uma sobre a outra – no fundo da bota esquerda. Descalcei a sandália, coloquei a bota criminosa e ensaiei passos cuidadosos pela loja. Comecei com passos tímidos e a dor não apareceu. Pisei mais firme, dobrando o pé ao andar, e nada senti!

Se houvesse fundo musical para a minha epopéia, entraria agora uma rompante *Aleluia* de Haendel! Quase pulei e abracei o espanhol, autor da simples e eficiente solução para o problema. Agradei pela idéia e comentei, com meu melhor sorriso:

– Está excelente! Creio que será preciso colocar nas duas botas, para que eu possa caminhar com equilíbrio...

O espanhol abriu mais uma caixa de *taloner*as, foi buscar uma lata de cola e, em cinco minutos, colou as calcanheiras duas a duas. Retirou as palmilhas da bota e colou cada conjunto no calcanhar de cada calçado. Recolou as palmilhas.

– Deixe a cola firmar até amanhã. Pode iniciar a caminhada usando as botas, pois as calcanheiras já estarão firmes. Se você quiser tirá-las, algum dia, basta forçar com uma espátula!

Paguei a mixaria pedida pelas *taloner*as – 800 pesetas, menos de cinco euros –, pois meu amigo nada cobrou pelo trabalho e pela idéia da solução. Esta pode valer muito: um bom final para meu caminho aragonês.

Tive uma noite encantada. Comprei ovos, tomate, aspargo, queijo, suco, madalenas e vinho. Fiz um jantar de gala, saboreando minha salada de tomates e aspargo (primeiro prato), omelete (segundo prato) e degustando um delicioso Rioja. Guardei suco e madalenas para o lanche matinal, fiquei ainda uma hora escrevendo meu diário e folheando o Livro de Peregrinos do refúgio.

Apesar de, ao examinar o tendão, vê-lo ainda vermelho e edemaciado, agora sei que posso caminhar sem dor ou agravamento do problema.

Naquele agradável sobrado, após um dia pleno de boas emoções, dormi como um justo.

Aliás, um justo solitário, pois não apareceu mais nem um peregrino naquele dia.





## CAPÍTULO VII SANGÜESA A MONREAL

Água sobre o lago: a imagem da LIMITAÇÃO. Assim, o homem superior cria número e medida, examina a natureza da virtude e da conduta correta.  
*CHIEH, no I Ching.*

Acordei alegre e bem-disposto. Depois do café, mochila nas costas, deixei minha contribuição na caixinha de donativos do refúgio e saí para a rua. Apesar de o relógio marcar apenas sete horas, o sol já brilha forte no céu aberto. Levei a chave e meus agradecimentos à irmã recepcionista, no prédio ao lado, e segui as setas que me levaram para a saída da cidade. Passei mais uma vez em frente à igreja de Santa Maria la Real, cruzei a ponte e voltei ao caminho.

Fui seguindo por trilhas campestres até chegar a um túnel. Olhei o guia: era uma passagem abandonada, que serviria a uma ferrovia. Hoje é apenas parte do Caminho Aragonês. Atravessei o túnel, completamente escuro e frio, quase por intuição. A luz da minha minilanterna não chegava nem ao chão, e a única referência era o ponto de luz do fim do túnel, *lá* na frente.

O que era apenas um pontinho luminoso foi aumentando e exibindo uma nesga de céu azul, cuja luz já iluminava o chão do túnel. Ao fim deste, depois que meus olhos se acostumaram com a luminosidade do dia, tive à minha frente um cenário fantástico: eu estava na parte mais funda de um *canyon*, uma abertura entre duas altíssimas paredes de pedra. À esquerda corria o rio, com águas límpidas e barulhentas. Do alto dos paredões de pedra, enormes abutres saíam de seus ninhos e, em círculos largos, voavam um balé elegante no céu. Com o *zoom* da filmadora era possível ver, nos ninhos, as silhuetas dos filhotes clamando por comida. Por via das dúvidas, segurei com firmeza meu cajado peregrino e fiquei espiando com atenção as aves que chegavam mais perto de mim. Sei lá. De repente, no cardápio dos filhotes, naquele dia, poderia constar algo como “naquitos de *peregrinus brasiliensis...*” *Hay que cuidarse, pero sin perder la ternura.*

Há também sinais humanos nesses rincões: meu guia conta que os restos da ponte de pedra, encravados nos paredões, são um resquício da estúpida e perversa Guerra Civil espanhola. Estúpidos ao extremo, os donos do «poder» militar, político e econômico continuam dispendo das vidas humanas como se delas fossem os gerentes. Entre massacres econômicos de nações inteiras a ameaças de invasões militares paranóicas, continuamos como meros espectadores da ganância e do apego materialista de pessoas e grupos que ignoram que a vida do Homem, na Terra, é apenas um cisco no olho do Universo. E que este, por sua vez, é apenas a manifestação

do espírito maior.

Volto a campos abertos, com muitas ovelhas pastando em grandes grupos. Curiosas, olham paralisadas a figura humana que segue, num *toc-toc* cadenciado, em direção a oeste. Subo mais uma serra e volto a caminhar ao lado do asfalto.

Chego à simpática cidadezinha de Izco, nome que meu cérebro insiste em ver como anagrama do grande Zico, ex-craque de futebol da geração quase-campeão mundial e que é, atualmente, mero *outdoor* de si mesmo. Em Izco há bares e *tiendas*, onde compro um *kit* alimentar básico e faço um saboroso lanche.

Ao sair, caminhando placidamente ao lado de um gramado, sou saudado por um pequeno cão. Com latidos entusiasmados, o pequerrucho acercou-se, foi latindo ao meu redor e, assim que me distraí, NHAC! meteu os dentes na minha perna direita! Um grito (misto de dor e reação de defesa) e o nojento disparou a correr para longe. Parou a uns vinte metros e ficou me encarando. Quase consegui ouvir seus pensamentos:

– AHA! Te peguei! Comigo é assim: vacilou, tomou!

Quis a boa providência que eu estivesse usando hoje a meia negra do meu glorioso coringão. A meia, que ostenta o sacrossanto escudo alvinegro, cobria toda a barriga da perna, e nela ficaram os buraquinhos feitos pelos dentinhos da besta-fera. Na perna restou apenas um pequeno hematoma pela abocanhada canina, mas sem furos ou sangramentos preocupantes. Na verdade, o bicho não parecia hidrófobo. É muito provável que o cãozinho tenha atacado apenas o ser estranho e perigoso que eu representava para ele. Ou, a julgar pelo lugar onde mordeu, estivesse tomado por algum vingativo e despeitado espírito palmeirense. Para descarregar, segui meu caminho cantando:

– *Salve o Curintcha, campeão dos campeões...*

Mais campos de cultivo e estradas rurais. Do alto de um morro – finalmente! – vejo as primeiras casas de Monreal. Ainda bem, pois quero que esse tornozelo esquerdo fique bom logo. Ainda uso os chinelos, por precaução. Talvez amanhã recomece a caminhar com as botas.

Decepção: ainda não era Monreal, e sim Salinas. Faltam alguns quilômetros apenas, mas qualquer caminhante sabe que os últimos quilômetros sofrem um estranho processo de alongamento... Enfiei-me outra vez em uns bosques, por picadas estreitas e bordejadas por arbustos. Vejo, contra a luz do sol, a queda de flocos brancos semelhantes à paina. Parece uma tempestade de neve, o que fica ainda mais bizarro, pois a temperatura deste dia ensolarado deve chegar a uns 25 graus. Já tinha passado por isto em 1999, quando fiz o Caminho na mesma época (primavera). Essas painas caem dos *chopos*, as imponentes árvores que formam alguns dos bosques espanhóis. É tanta a “chuva” branca que o caminho fica coberto por uma camada desses flocos. E eu vou, caminhando contra o vento e levantando nuvens dessa neve etérea. Os pássaros fazem o único fundo musical para o cenário.

Após meia hora de campos verdes, Monreal surge do nada! É a mesma impressão que se tem ao chegar a Hontanas, que surge em uma depressão após horas de caminhadas pelos infundáveis campos da região de Burgos.

Como, de acordo com minhas folhas xerocadas do guia *El País*, não há albergues peregrinos em Monreal, entrei no único hotel que encontrei. Fica na beira do asfalto, carros passando a toda hora... mas é a única pousada disponível. Sentei-me no bar do hotel e pedi uma *caña* (chope) ao atendente. Conversa vai e vem, descobri que o sujeito é venezuelano e veio para a Espanha tentar uma vida melhor. Perguntei se não havia alguma hospedaria para peregrinos na cidade e ele disse que não. O hotel era mesmo a única possibilidade de abrigo.

## O caminho aragonês

Fiz minha ficha de inscrição (quatro mil pesetas o pernoite, uns 25 euros!), subi ao quarto e tomei um loooooongo e prazeroso banho. Por aquela quantia eu não poderia pensar em economizar o que quer que fosse... Olhei o tornozelo: apesar de ainda apresentar o hematoma, não estava dolorido à fricção. Sim, amanhã voltaria a usar as botas.

Ao bater pernas pela cidadezinha, para comprar meu lanche do dia seguinte, tive a surpresa de encontrar três peregrinos franceses sentados na calçada, em frente a um edifício novo em folha, em cuja placa na porta era possível ler: *Refúgio de Peregrinos!* Epa! Então existe refúgio!

Os franceses me contaram que também foi surpresa para eles, mas alguém os avisou à entrada da cidade. O refúgio tinha sido aberto há um ou dois meses, cobrava uma ninharia e tinha tudo do bom e do melhor – de cozinha a banhos quentes!

Voltei bufando ao hotel e disse ao dono – que também tinha me garantido que não havia albergue na cidade – que desejava pagar apenas meu banho e levar minhas coisas ao lugar especialmente construído para abrigar a mim e a meus confrades. O sujeito ficou atrapalhado, disse que não saberia como cobrar apenas o banho, que eu não ficasse aborrecido, que ele não sabia do refúgio e que, em última análise, que eu ficasse no hotel pagando a metade da diária. E com café da manhã.

A flexibilidade é uma postura que devemos cultivar. Acedi. Afinal, talvez fosse verdade a história do seu desconhecimento da existência do refúgio. Acho pouco provável, mas... quem quiser dormir em Monreal, *procure o refúgio de peregrinos!*

Passei uma tarde agradável caminhando pelas ruazinhas da cidade, onde quase todas as casas estão com as janelas ornamentadas de flores, saudando a primavera. O quarto do hotel era confortável e a noite foi repousante.



## CAPÍTULO VIII MONREAL A TIEBAS

Sem sair pela minha porta posso conhecer todas as coisas da Terra; sem olhar pela minha janela posso conhecer os caminhos do céu.  
*George Harrison, The inner light.*

Hoje *seria* o último dia de Caminho Aragonês. Não, nada de dramas, pelo contrário! O condicional do verbo ser, iniciando o período, não se deve a qualquer acidente ou motivo dramático para interromper a caminhada. Já iniciei a jornada usando minhas botas “de salto alto interno”, e não há dor ou qualquer outro sinal alarmante no tendão-de-aquiles esquerdo.

Hoje não será o último dia porque decidi dividir a etapa ex-final – Monreal a Puente La Reina – em duas. Para garantir a boa recuperação do pé esquerdo, farei duas jornadas de apenas quinze quilômetros, pernoitando no pequeno vilarejo de Tiebas. Lá existe, segundo o guia, um refúgio emergencial, em uma escola. Peregrino em situação emergencial = refúgio emergencial.

A curta etapa atravessa mais campos de cultivo e áreas rurais de criação de gado. Mais uma vez, pelo que vejo, deverei caminhar algumas horas em solidária comunhão com a natureza. À exceção dos franceses encontrados em Monreal, e que provavelmente devem ter saído antes de mim, não há sinal de outros peregrinos. Minha atenção é atraída, de quando em quando, apenas por pequenos detalhes da paisagem.

Um deles é uma árvore seca, que encontro em uma área de campo aberto. O tronco, a meio metro do chão, foi quase cortado por algum machadeiro interessado nos ramos secos que se abrem para cima. Por cansaço ou outro motivo, o lenhador interrompeu seu trabalho e deixou a velha árvore com uma “cintura”, uma bizarra silhueta de manequim. Fosse completado o corte eu não teria parado para observar e filmar o toco que ficaria cravado no solo. Qualquer ato tem sua seqüência própria, e as mudanças no trajeto de nossas atitudes levam sempre a novos e inéditos caminhos.

No solo das trilhas reencontro algumas conhecidas de minhas passagens pelos campos navarros do Caminho Francês: as grandes e pachorrentas lesmas negras que passeiam também por campos de Roncesvalles a Pamplona. Ao contrário do que eu via lá, onde as melequentas criaturas eram constantemente esmagadas pelas botas dos peregrinos mais apressados, aqui elas não são incomodadas. O solo não tem o desenho da impressão de botas como no trecho Francês e as lesmonas cruzam as picadas secas em segurança, sem que alguma pisada encurte dramaticamente seu ciclo ecológico de reincorporação à natureza.

## O caminho aragonês

Quase ao mesmo tempo em que começo a sentir cansaço – não dor – nos pés, chego a Tiebas. Uma etapa de quinze quilômetros acaba antes que o caminhante perceba, em seus músculos e articulações, os primeiros sinais de alarme fisiológico. A esses sinais (cansaço, dolorimento, fadiga muscular) seguem-se os desconfortos emocionais. Lembro-me de algumas etapas de trinta e poucos quilômetros, nas caminhadas de 1999 e 2000, quando o humor começava a tornar-se sombrio e os pensamentos tendiam a escorregar para um lado negativo. A solução, nos casos assim, era simples: parar de caminhar – se possível, em algum vilarejo –, desfazer-se da mochila e botas e ficar algum tempo descansando e alongando. Se houver algum bar para o café ou uma *tienda* para comprar algum suco ou guloseima, melhor ainda. Se a parada fosse no meio do caminho, sempre tive uma solução de emergência: algum petisco para saciar a criança ansiosa que todos carregamos dentro de nós. Um bolinho ou pedaço de chocolate fazem milagres nessas horas! Melhor que isso é, para mim, um bom tubinho de leite condensado... Levanta qualquer cansaço e mau humor!

Do lado esquerdo da estrada, já com a cidade se anunciando, há grande agitação e barulho! Uma empresa mineradora escava e raspa as encostas da montanha, extraíndo sei lá o quê, criando um pandemônio de ruídos de máquinas e caminhões pesados. No alto da montanha, quase escondidas por nuvens de pó, as esteiras conduzem os minerais arrancados da natureza à força e os empilham em grandes montes. Parece um cenário de guerra, com fumaça poeirenta por todos os lados.

Na saída da empresa, como se fosse uma piada de mau gosto, há um cartaz – obviamente dirigido aos motoristas de caminhão – dando o recado “ecológico”:

*Atención! Modere su velocidad para evitar levantar polvo!*

É o eterno sistema de culpar a bala de fuzil pelas mortes que acontecem nas guerras. O coitado do peão que conduz o caminhão ainda é responsabilizado pela catástrofe que os padrões causam ao ambiente – incluindo-se aqui este peregrino que atravessa a nuvem de poeira com destino a Tiebas.

A pequena cidade é anunciada pelas ruínas do castelo construído por Teobaldo I, em uma colina logo à entrada do vilarejo. Passo em frente à pequena igreja românica, a mais importante obra arquitetônica do lugar, e procuro alguém que me indique o local do refúgio.

– O refúgio é uma sala da escola, basta você dobrar aquela rua e vai chegar lá! – informou atenciosamente o senhor a quem me dirigi.

O velho senhor mostra o rumo e, sem problemas, cheguei ao pátio da escola que serve como albergue aos poucos peregrinos que decidem pernoitar no vilarejo. Meu informante tinha dado uma dica complementar:

– Se a porta estiver fechada, a chave está na janela.

De fato, passando a mão sobre o parapeito da janela, encontrei a chave da porta de entrada. A escola parece estar passando por alguma reforma, pois os banheiros estão cheios de tijolos e material de construção. Há duas pilhas de colchões em uma salinha que antecede o “dormitório” e escolho um bem simpático para me servir de cama.

O dormitório é uma grande sala de aula vazia, onde ainda existem livros e material escolar antigo empilhados nas estantes. Arrumei meu colchão e minhas tralhas em um dos cantos e saí, deixando a porta aberta, para procurar uma quadra de esportes citada pelo guia. Como não há chuveiros na escola, o livro sugere o uso dos vestiários da quadra para o banho.

Foi fácil descobrir o prédio, graças à cobertura típica dos ginásios. O som de gritos e do

ruído de bate-bola confirmaram a descoberta. Na quadra, alguns garotos jogavam pelota basca, ou frontão, aquele jogo esquisito onde os caras marretam a bolinha contra uma parede, usando umas luvas tipo “garra de dinossauro”.

Havia banheiros com duchas à disposição, e aproveitei o calor que sentia para entrar com tudo na água fria. Bom, para ficar *fria* aquela água precisaria ainda ser muito aquecida... Foi um banho saltitante e bufante, mas deu o reconforto que eu precisava.

Passei toda a tarde repousando no “refúgio”, distraíndo-me com os livros escolares que encontrei. Um deles, uma antiga obra sobre um espeleólogo – aqueles sujeitos que passam a vida fuçando em cavernas – italiano, apontou um caminho e uma solução para um problema que me atazanava há dois anos. Copiei o trecho “mágico” em meu caderninho de notas e saí a passear.<sup>4</sup>

Lanchinho feito, fiquei mais de uma hora nas ruínas do castelo do tal Rei Teobaldo I. Senti um bem-estar completo, sentado nas muretas semidestruídas, refletindo sobre o significado do passar do tempo. Observar a espessura dos muros, a técnica arcaica e eficiente de construção, tudo aquilo fez parte dos minutos que passei no lugar. Quantas vidas, quantos sonhos, quantas almas viveram entre aquelas paredes! Eu, apenas mais um complexo de átomos, alma e espírito, também tive lá minha cota de existência.

À tardinha voltei à escola-albergue e encontrei mais um peregrino alojado: um ciclista italiano, com o qual consegui trocar várias frases. Aparentemente ele entendia meu balbuciar, pois suas respostas faziam sentido para mim. Como todas as minhas frases, em italiano, são apenas aquelas extraídas das músicas de Sérgio Endrigo, Nico Fidenco, Rita Pavone e outros, o papo não foi muito longe. Só entendi direitinho que ele tinha ficado alojado em Arrés, naquele refúgio recém-aberto logo após Puente La Reina de Jaca, e que gostou muito. Disse que a hospitaleira voluntária o deixou até sem jeito, pois fez questão de lavar seus pés.

– Acabei concordando com aquela cerimônia porque respeito a tradição – complementou o italiano –, mas nós dois terminamos rindo muito, porque ela disse que, sendo eu ciclista, o correto era que me lavasse a bunda ao invés dos pés!

Dei mais um passeio pela vila e voltei para uma boa noite de sono. Minha última – agora sim – no Caminho Aragonês.

---

<sup>4</sup> O trecho que li dizia respeito a uma decisão tomada pelo espeleólogo Valvassoni, após descobrir e pesquisar uma fantástica caverna. Dizia o seguinte: “Valvassoni, em 1689, pensou em investir todos os seus bens na publicação de uma grande obra, que concluiria a grande pesquisa de sua vida”. Naquele dia tomei a decisão de que publicaria *O Caminho das pedras*. E nem precisei me desfazer de nenhum bem!



## CAPÍTULO IX TIEBAS A PUENTE LA REINA

Há mais mistérios entre o céu e a Terra do que  
sonha nossa vã filosofia.  
*Shakespeare, Hamlet.*

Mais uma etapa curtinha, apenas algumas horas de marcha e estarei em Puente La Reina. Atravesso alguns aglomerados de casas e edifícios industriais. Depois de andar centenas de metros sobre os trilhos de uma linha de trem, alcanço o prédio da fábrica de farinha que, possivelmente, usa a ferrovia para descarregar sua produção.

Apesar de a paisagem ser formada ainda por imensos trigais, aumenta cada vez mais o número de casas. Isso indica a proximidade de Pamplona, distante apenas algumas dezenas de quilômetros daqui. A percepção da relatividade entre a caminhada a pé e as distâncias para locomoção mecanizada é um dos benefícios extras que a peregrinação nos dá. Um trajeto como o de hoje – quinze quilômetros – vai me custar umas quatro horas, mas qualquer Passat genérico o faria em quinze minutos.

Por outro lado, eu não teria, estivesse no interior do balouçante e barulhento veículo, o prazer de ouvir a passarinhada que faz o fundo musical desta manhã quente e ensolarada. Não veria, no alto das montanhas, a fileira de captadores de vento desenhando aquela silhueta que encontramos ao chegar no Alto do Perdão, entre Puente La Reina e Pamplona. Esses gigantescos “moinhos de ventos” aproveitam as elevações e capturam a energia do deslocamento de ar para criar energia elétrica. Sem poluir.

Mais campos e estradas de terra. Assim como passei pelas lesmas pretas, há alguns quilômetros, vejo agora meu caminho ocupado por batalhões de caramujos. Um grande número deles, volumosos como *escargots*, cruzam a estradinha, buscando a grama úmida e refrescante da outra margem. A diferença evidente entre eles e as lesmas é que esses caracóis, como os peregrinos, carregam a mochila no dorso. No mais, eles copiam a mesma caminhada lenta... e... pre... gui... ço... sa... das... les... mas...

Entre na pequenina vila de Éneriz, último povoado antes de Óbanos e Puente La Reina. Atravessei o grupo de casas rapidamente, pois sei que estou quase chegando. Na última rua da vila, uma seta amarela indica a saída para a direita. Fico intrigado com a marca, pois sei que já vi aquela, exatamente *aquela*, em algum lugar. Estarei perdido e dando voltas?

Não, nada disso: a seta amarela, pintada na parede lateral de uma casinha de cachorro, está em uma das fotos do meu guia *El País Confiro* e vejo, na página 28, a casinha com a seta e a cara do cachorrinho espiando o fotógrafo. Cachorrinho que, acompanhado de mais dois

seguranças caninos, está latindo furiosamente e incentivando a rapidez dos meus passos. Registro, em fotos e vídeo, o escarcéu dos cicerones compulsórios e sigo adiante.

Em pouco tempo, curtindo a amplidão dos campos e a cantoria dos pássaros, tenho a visão encantadora da ermida de Nossa Senhora de Eunate! Sem mais nem menos, a abóboda da pequena igreja desenha-se, iluminada pelo forte sol desta manhã, contra o azul do céu. No meio do nada, sua imagem parece um cenário desenhado artificialmente. Estou chegando a ela pela sua parte de trás e atravesso uma plantação – indefinível, pois só vejo o solo arado – para alcançá-la.

Minha visita a Eunate demorou umas duas horas. Durante quase metade desse tempo tive o prazer de estar praticamente sozinho. Apenas um outro peregrino lá estava quando cheguei. Trocamos cumprimentos, e cada um permaneceu em suas observações e divagações. Mesmo depois da chegada de um ônibus de excursionistas – com a tradicional e alegre balbúrdia que acompanha esses eventos –, ainda fiquei muito tempo apreciando e registrando detalhes da pequena e sólida construção.

Eunate, como amplamente documentado, é um templo construído pelos Cavaleiros da Ordem do Templo. Os cavaleiros templários, surgidos como organização a partir das Cruzadas, tomaram como tarefa proteger os peregrinos que buscavam as sagradas relíquias de São Tiago. Construíram fortalezas à beira de locais estratégicos da rota jacobéia – o castelo de Ponferrada é um exemplo perfeito de uma dessas fortalezas – para garantir a passagem dos caminhantes e afastar os assaltantes que cobiçavam as sempre minguadas posses dos peregrinos medievais.

Por trás da estrutura militar e econômica, os templários tinham uma sólida base religiosa, fundamentada em ordens orientais e mesclada com elementos do cristianismo místico dos primeiros séculos de nossa era. A arquitetura da pequena igreja de Eunate é testemunho de vários elementos místicos e esotéricos que, ainda hoje, são identificados como ligados à ordem templária. O desenho octogonal, presente originalmente no Templo de Jerusalém e, alguns quilômetros distante de Puente La Reina, na Igreja de Torres del Rio, é uma dessas marcas. Outros símbolos, de leitura mais difícil, podem ser vistos nas paredes da igreja: esculturas e símbolos eternizados nas pedras de pórticos e muros recebem significados variados, conforme o enfoque que lhes é dado.

Quando visitei a igreja pela primeira vez em 2000, o motorista de táxi que me levou até lá *assegurou veementemente* que a igreja era apenas parte de um antigo cemitério, e que aquela história de templários eram bobagem. Ouvi sua fala em silêncio, respeitando suas convicções católicas e a cultura radical imposta pelos anos de ditadura franquista ao povo espanhol. Cada qual com suas verdades.

Fotografei e filmei os desenhos das pedras e as figuras dos pórticos, deixando a mente correr sobre as leituras e interpretações que já li sobre elas. Os turistas do ônibus alemão, em grupo, acompanham o guia que explica o significado daquelas inscrições herméticas. Considerando meu nulo conhecimento da língua alemã, o tal significado continuou e continuará hermeticamente oculto pelas brumas do tempo.

De Eunate a Puente La Reina foi um pulinho. Não tive vontade de desviar-me e passar por Óbanos, cidadezinha onde acontecia, na época medieval, o encontro entre o Caminho Aragonês e o Francês. Preferi caminhar pelo asfalto, entrando em Puente pela autovia. Fui recebido por aquela imponente estátua, à margem da estrada, que mostra um peregrino esculpido em ferro. Na sua base podemos ler que, a partir daqui, “todos os caminhos a Santiago tornam-se um só”.

Como tive uma jornada curta, mesmo tendo ficado todo aquele tempo em Eunate,



## O caminho aragonês

encontrei o refúgio dos Padres Reparadores ainda fechado. O cartaz dizia que seria aberto às quinze horas. Deixei minha mochila na porta e fui passear pelos arredores. Visitei a Igreja do Crucifixo, que exibe um raro Cristo pregado em uma cruz com braços em Y. A imagem foi um presente antigo da igreja alemã, sendo que o formato bizarro da cruz tem tido, através dos tempos, as mais variadas interpretações. Uma delas é a de que o formato diz respeito à letra hebraica IOD, ligando o crucifixo à época em que os templários eram os únicos responsáveis pelo acolhimento dos peregrinos na região.

Na frente do refúgio encontrei o mesmo padre que, em 1999, me deu o panfleto citado n' *O Caminho das pedras*, no qual é contada a recusa do governo provincial em ajudar financeiramente o refúgio gerenciado pelos religiosos. Como relato no livro, a Junta de Governo não demonstrou interesse em aumentar a capacidade do alojamento – pago com donativos dos peregrinos – para, com isso, beneficiar hospedarias e hotéis privados.

O padre mostra, em um canto, um aglomerado de material de construção.

– Estamos instalando painéis solares para aquecimento da água dos banheiros novos que fizemos para os peregrinos – anuncia orgulhosamente o religioso.

Os Padres Reparadores continuam recebendo – e bem – os peregrinos. Sorte nossa.

Quando a porta foi aberta para nossa entrada, já havia mais de vinte pessoas na fila. Apesar de encontrar um albergue cálido e bem-montado, com uma boa cozinha, dormitórios e banheiros adequados, a realidade finalmente se me apresenta: os momentos tranquilos nos refúgios, a solidão das caminhadas pelas margens do Aragón e as horas de relaxamento, ansiedade e solitária meditação pelo Caminho Aragonês tinham chegado ao fim.

De hoje até o dia da chegada a Santiago estarei fazendo parte da fila indiana que se iniciou em Saint Jean Pied-de-Port ou Roncesvalles. Peregrinos madrugando para conseguir vaga nos próximos refúgios, jantares alegres dos irmãos brasileiros, ter sempre algum caminhante ao alcance dos olhos durante as etapas... Sei o que me espera. Caberá a mim – e somente a mim – manter o mesmo espírito sereno e tranquilo que o Aragonês me ajudou a encontrar. O encontro com outros peregrinos, a troca de carinho e a partilha de emoções serão os novos brindes que a rota jacobéia irá me oferecer a partir daqui, em troca dos solilóquios e momentos de paz de espírito que encontrei nos últimos dias. Até mesmo a grosseria de alguns colegas peregrinos ou o duro choque com os evidentes interesses econômicos demonstrado pelos comerciantes que exploram a tradição santiaguista serão, para mim e para todos os caminhantes, oportunidades para exercer a tolerância e melhor compreender a realidade. Tolerar e compreender, é claro, mas sem perder a capacidade de manter a visão crítica que esses contrastes despertam em nós.

Como na “vida real”, o Caminho de Santiago oferece todos os meios para nossa evolução espiritual. É ilusório esperar que a caminhada a Santiago aconteça em um ambiente de “pureza espiritual”, durante o qual toda a criação concorrerá para que aprofundemos nossa capacidade de amar e compreender nosso papel no mundo.

O Caminho de Santiago é, na minha opinião, um poderoso instrumento de crescimento para todos os que o procuram. Não é o único, é apenas um deles. Os séculos de energia concentrada nas estradas e nos campos por onde passamos, mesmo se considerarmos as variações geográficas dos trajetos caminhados, são absorvidos por todos os que por aqui passam. É por causa dessa energia (que assimilaremos tanto mais quanto mais abertos nos apresentarmos ao Caminho), que poderemos atravessar os portais que separam a vida trivial daquele espaço espiritual e atemporal onde o fio da Vida é tecido. É vivenciando os dias de cada jornada, com suas alegrias e lágrimas, maravilhas e frustrações, que poderemos galgar

Auro Lúcio Silva

degraus importantes em nossa caminhada pela vida.

O primeiro passo, assim como nas centenas de quilômetros do Caminho de Santiago, tem que ser dado por nós mesmos. E, como me disse dona Felisa em 2000, *com muita fé!*

## EPÍLOGO



Não há nada que você queira fazer que não possa ser feito.

*Lennon & McCartney, All you need is love.*

Incorporei-me ao Caminho Francês em Puente La Reina e de lá segui até Santiago. Eu temia que, por estar fazendo aquela rota pela terceira vez e por ter passado os últimos dias em caminhada quase solitária, não tivesse olhos para os encantos de mais uma passagem pelos campos de Navarra, Burgos, Palência, Bierzo, Galícia...

Eu não tinha motivos para preocupação: os dias seguintes mostraram um Caminho de Santiago diferente do que eu tinha conhecido em 1999 e 2000, mas com atrativos novos e empolgantes. *Nada do que foi será, de novo, do jeito que já foi um dia.* Lulu Santos espelha uma verdade secular, e nossa caminhada obedece à norma. As mudanças – algumas muito violentas – que o espaço da peregrinação vem sofrendo nos últimos anos merecem reflexão e discussão, as quais devem ficar restritas ao plano do manifesto, das coisas materiais que formam a existência terrestre. Em outro nível, e não importa quais influências mudem o aspecto exterior do Caminho, cada um de nós pode lá realizar sua viagem interna com todo o proveito possível.

Tive o prazer de rever lugares e pessoas que conhecera em anos anteriores. Alojei-me em vilarejos diferentes e conheci outros hospitaleiros. Fiz mais amigos entre os muitos brasileiros que encontrei pelas estradas. Em resumo, tudo vale a pena, se a alma não é pequena. Pessoa também tem razão.

Desejo que este relato sobre o caminho aragonês ajude a mostrar que as vias de peregrinação são um poderoso meio de alcançar o aprimoramento espiritual, mas não são o único. Quem tem condições socioeconômicas para caminhar na Espanha, em direção a Santiago, deve fazê-lo. É uma dádiva, seja qual for a rota escolhida.

Acima de tudo isso, porém, está nossa vida “real”. É nela que vamos viver os propósitos e as diretrizes que o caminho jacobeu tem o condão de fazer nascer em nosso espírito. Cabe a cada um perseverar. Como está mais do que provado, os aparentes erros do caminho e atrasos no percurso apenas redirecionam a caminhada, mas a meta de chegada sempre será a mesma: a evolução de cada Homem e da Humanidade.

Auro Lúcio - dezembro de 2002